



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARINA LACERDA CORDEIRO

Práticas pedagógicas na escola: o tradicional e inovador na sala de aula.

BRASÍLIA

2014

MARINA LACERDA CORDEIRO

Práticas pedagógicas na escola: o tradicional e inovador na sala de aula.

Trabalho final de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dra. Fátima Lucilia Vidal Rodrigues.

BRASÍLIA

2014

**CORDEIRO**, Marina Lacerda. *Práticas pedagógicas na escola: o tradicional e inovador na sala de aula*. Brasília-DF, dezembro de 2014. 68 páginas. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.

Trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB

Práticas pedagógicas na escola: o tradicional e inovador na sala de aula.

MARINA LACERDA CORDEIRO

Trabalho final de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dra. Fátima Lucilia Vidal Rodrigues.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Fátima Lucilia Vidal Rodrigues – Orientadora  
Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues  
Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Simone Gonçalves de Lima  
Universidade de Brasília

Brasília, dezembro de 2014

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me destes o dom da vida, que com amor, afeto e cuidado, vem me transbordando de alegria, coragem e fé para concluir este trabalho e muitas outras realizações que virão.

A minha família, em especial a minha mãe, meu pai e meu irmão, que com todo amor, carinho e cuidado sempre estiveram presentes na minha caminhada, acreditaram no meu sonho e me apoiaram para conquistá-lo. A vida e esforços dos meus pais me deram forças para chegar até aqui, fazem lembrar-me de uma frase de Confúcio: “São assim os grandes, ensinam mais com o exemplo do que com palavras”.

Aos meus amigos que torcem por mim e tem sido presentes de Deus na minha vida, tornando – a mais doce, mais bonita, mais cheia de sorrisos e afeto.

Aos educadores, durante a minha trajetória, que com a ganância de transmitir o saber me fascinaram pela Educação.

A minha orientadora, Fátima Lucilia Vidal Rodrigues, que me encantou com sua doçura, paciência e competência, posso dizer que contribuiu significativamente para o meu crescimento não somente profissional, mas no modo de olhar a vida.

À Universidade de Brasília, e à Faculdade de Educação, pela oportunidade e por propiciarem momentos de convivência e aprendizado.

**"(Na escola) desvirtuamos o processo educacional, que é a descoberta, não o aprendizado das verdades."**

**Carlos Calvo Muñoz (tradução nossa)**

## **RESUMO**

Este trabalho de conclusão de curso foi realizado a partir de observações e práticas pedagógicas em uma escola pública do Distrito Federal, com o objetivo de investigar quais as diferenças percebidas nas práticas tradicionais e inovadoras no cotidiano da escola, entendendo-as como práticas que dialogam com autonomia, corresponsabilidade e solidariedade. Para a construção desse trabalho foi utilizado uma fundamentação teórica com base nos autores Illich (1985), Freire (2001), Cunha (2007), Pacheco (2011), Saviani (2012) e Muñoz (2013). Assim, o desenvolvimento metodológico foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa, com a utilização de observação participante, construção de diário de campo e análises dos recortes do mesmo. Dessa forma, acreditando em uma escola que deve estar em constante transformação em busca de práticas que incentivam a autonomia, responsabilidade, e solidariedade é possível refletir, ao longo deste trabalho, sobre as diferenças entre formas de educar que, de certa forma, traduzem também maneiras de se conceber o mundo.

**Palavras-chave: Escola, Tradicional, Inovador, Autonomia.**

## **ABSTRACT**

This course conclusion work was carried out from observations and teaching practices in a public school in the Federal District, in order to investigate which perceived differences in traditional and innovative practices in the school routine, understanding them as practices that dialogue with autonomy, responsibility and solidarity. To construct this study we used a theoretical foundation based on the authors Illich (1985), Freire (2001), Cunha (2007), Pacheco (2011), Saviani (2012) and Muñoz (2013). Thus, the methodological development was carried out from a qualitative approach, using participant observation, daily construction field and analysis of even the clippings. Thus, believing in a school that should be in constant transformation in search of practices that encourage autonomy, responsibility, and solidarity can be reflected throughout this work, about the differences between ways of educating that somehow translate also ways of conceiving the world.

**Keywords: School, Traditional, Innovative, Autonomy.**

## **Sumário**

RESUMO .....	7
PARTE I .....	10
MEMORIAL EDUCATIVO .....	10
PARTE II .....	16
O TRABALHO MONOGRÁFICO.....	16
INTRODUÇÃO .....	17
Capítulo 1 - A escola tradicional e sua prática educativa na escola.....	19
Capítulo 2 - A escola pensada e vivida a partir das práticas inovadoras .....	27
Capítulo 3 - Metodologia.....	32
3.1. Contexto da Pesquisa .....	32
3.2. Sujeitos da Pesquisa .....	34
Capítulo 4 - Análise da prática na escola: o tradicional, o inovador e uma interlocução entre um fazer e outro.....	36
4.1. Práticas Tradicionais.....	36
4.2. Práticas Inovadoras .....	39
4.3 Práticas que fazem uma interlocução entre um fazer e outro .....	42
Considerações Finais .....	44
PARTE III .....	46
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE 1 .....	49
APÊNDICE 2 .....	50

**PARTE I**  
**MEMORIAL EDUCATIVO**

## **Dos primeiros passos até a Universidade de Brasília...**

Nasci em março de 1993, em Brasília. Meus pais perderam uma filha de natimorto em 1988. Após três anos minha mãe engravida do meu irmão, mais velho que eu um ano e oito meses. Meus pais haviam programado a minha chegada, pois sonhavam em ter dois filhos, preferencialmente um menino e uma menina. Já casados por seis anos tinham um lote na Candangolândia, onde estavam construindo a casa que moramos atualmente. Meu pai trabalhava em uma oficina mecânica próxima a nossa casa e minha mãe lecionava na escola Agro Urbano.

Completei sete meses, era o fim da licença maternidade e licença prêmio que minha mãe havia tirado para poder aproveitar ao máximo os meus primeiros meses de vida e dedicar-se a mim e ao meu irmão, pois o meu pai chegava só a noite do trabalho. Terminado este período, eles se encontravam com o coração partido e obrigados a deixar-nos aos cuidados da minha tia materna, que trabalha com a gente até hoje, passávamos o dia inteiro com ela e a noite com meus pais.

Aos quatro anos de idade, por decisão dos meus pais, fui matriculada no maternal na escola Bambi, local onde meu irmão estudava e que ficava bem próxima a minha casa. Recordo-me com carinho da minha primeira professora, pessoa de carisma, paciência, que tenho o prazer de reencontrar algumas vezes cruzando o caminho, ela indo dar aula e eu indo para a Universidade. Tenho muitas recordações dessa escola, um ambiente pequeno, aconchegante, com poucas crianças, banhos de piscina nas sextas-feiras, passeios, festas temáticas e apresentações. Algumas lembranças na memória e outras em fotos e gravações desses momentos, sempre com meus pais que não perdiam a oportunidade de estarem presentes.

Em 1999, passei a estudar no CEIC (Centro Educacional Infantil da Candangolândia), uma escola recém-inaugurada, com grande espaço físico, muitas salas, parque com diversos brinquedos e número bem maior de alunos que a escola Bambi. Minha professora desta fase era amiga da minha mãe e realizava um trabalho admirável, iniciando a manhã abraçando cada aluno ao entrar na sala. Foi nesta escola que aprendi a ler e a escrever, encerrando o período da educação infantil com uma formatura, data muito especial, conta meus pais.

Meu pai levava e buscava meu irmão e eu para a escola todos os dias, esperávamos minha mãe chegar e almoçávamos todos juntos. Meus pais voltavam para o trabalho e no período da tarde, ficava brincando com minha tia, de ‘casinha’, bola, montando quebra-cabeças, lego e no final da tarde ia andar de bicicleta na rua para aguardá-los retornarem do trabalho. Nos dias em que minha tia não deixava sair para brincar, eu e meu irmão deitávamos no chão para olhar o que se passava na rua pela fresta do portão.

No ano seguinte fui cursar a 1ª série do Ensino Fundamental na Escola Classe Zoobotânica, também na Candangolândia, na qual fiquei até a 4ª série. Tudo era diferente do ensino infantil, já sentávamos em duplas, já não íamos tanto ao parque, as professoras já não contavam tantas histórias como antes, as responsabilidades aumentavam, mas a adaptação foi tranquila. Lembro-me de terminar os deveres antes dos meus colegas e ajudá-los, o passeio para realizar o plantio de árvores, a visita aos pontos turísticos de Brasília, do PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas), a aula era realizada por um instrutor da Polícia Militar, fazíamos exercícios em uma cartilha e o programa foi encerrado com uma formatura e a música cantada na mesma não foi esquecida. No último ano, tenho recordações não muito prazerosas de quando dormia apreensiva antes dos dias marcados para a ‘batalha da tabuada’, a professora falava a multiplicação e os alunos tinham que colocar os resultados dentro dos respectivos espaços em um período curto de tempo. Essa maneira de fazer os alunos decorar a tabuada deixava-me o dia inteiro estudando, minha mãe procurava me tranquilizar. Nessa escola construí amizades sólidas que perduram até hoje.

Quando estudava na Zoobotânica, fazia natação dois dias na semana no período da tarde, não gostava muito, mas como meu irmão amava, nosso pai nos matriculou. Logo eu pedi para sair e passava as tardes brincando com minhas amigas, cada tarde era na casa de uma amiga. Divertíamos-nos montando ‘casinha’, ‘escolinha’, na minha casa tinha um quadro negro e eu passava horas escrevendo, entregando exercícios para as minhas “alunas”, os deveres eram folhas que sobravam da escola em que minha mãe trabalhava e me oferecia.

No ano de 2003, tive que deixar a escola Zoobotânica, pois esta só atendia até a 4ª série. Fui cursar a 5ª série no Centro Educacional Origem no Núcleo Bandeirante, cidade próxima a Candangolândia, onde fiquei até concluir o Ensino Médio. Período de

mudanças, meu pai não me levaria mais para a escola, passaria a ir de van escolar, um professor para cada disciplina, rigor no uso do uniforme, testes, provas, muitos conteúdos e informações. A escola tinha um espaço físico pequeno, somente uma turma para cada série, todos os alunos e funcionários se conheciam pelo nome, professores sorridentes, compromissados, que tratavam os alunos com muito respeito e igualdade, pareciam mais amigos que professores. Estavam sempre dispostos a ajudar, realizavam plantões de dúvidas no contra turno, chamavam para conversar quando percebiam algum comportamento incomum e a maioria das vezes sabia o que se passava com cada aluno. Foram anos de muita amizade, companheirismo e aprendizado. Era um ambiente muito agradável e com pessoas inesquecíveis.

Durante este tempo, brinquei bastante. Na rua em que moro, tem em cerca de dez meninos e oito meninas, muitos na mesma faixa etária, o que proporcionava-nos a montar a rede para jogarmos vôlei, futebol, beto, ping pong, ‘fruta’, prendíamos lençóis nas árvores para montarmos uma cabana e íamos fazer piquenique no interior, ‘cozinhadinho’, nomes dados a uma brincadeira que pegávamos madeira, colocávamos tijolos e fazíamos um forno à lenha na porta de casa, cozinávamos arroz, assava batata e depois jantávamos juntos. Hoje, que todos já cresceram e as obrigações nos chamaram, estudam e trabalham que a rua condiz com o nome que leva, pois antes tinha muito barulho e diversão o tempo inteiro. Moro na Rua do Sossego.

No Centro Educacional Origem, desfrutei de uma boa formação, que me preparou para a minha entrada na Universidade de Brasília através do PAS (Programa de Avaliação Seriada). Não sei ao certo quando escolhi cursar Pedagogia, lembro-me que durante muitos anos acompanhei o amor da minha mãe pela profissão, o exercício em sala de aula, ajudando-a, confeccionando lembrancinhas, auxiliando alguns alunos, colaborando em tudo o que precisava. Vi que o mesmo carinho de mãe, transmitido a mim e ao meu irmão era a forma que ela tratava seus alunos, isso me encantava diariamente. Na hora de marcar a opção de curso desejada, não me vinha à mente outro interesse e paixão, e assim escolhi Pedagogia, com o desejo de ser professora como minha mãe e como grandes professores que tive no decorrer da minha trajetória.

Ao ingressar na Universidade, um pouco de estranhamento ao me deparar com um espaço enorme, de interação entre pessoas de diferentes cursos, onde eu teria aula

em diversos lugares. Um período de mudanças, adaptações, liberdade, responsabilidades, tempo de novos aprendizados e amizades.

Desde que iniciei o curso comecei a acompanhar diariamente a vida escolar do meu primo que havia perdido a mãe há dois anos. Ajudava nos deveres de casa, fazíamos jogos, líamos livros, brincávamos, participava de reuniões escolares, ensinava e aprendia como faço até hoje. Uma das experiências mais ricas durante a minha graduação, pois pude acompanhá-lo do período da alfabetização até os dias de hoje. Uma criança que só me orgulha, a qual tenho muito carinho.

Ao longo do curso graduação na Universidade de Brasília, participei de disciplinas como Perspectivas do Desenvolvimento Humano, Educando com Necessidades Educacionais Especiais, Educação Matemática I, as quais me proporcionaram um grande aprendizado e que possivelmente contribuirá na minha atuação pedagógica. Outras disciplinas cursadas são as denominadas Projetos. No Projeto I tive a oportunidade de conhecer os espaços físicos e organização da Faculdade de Educação e da Universidade. No Projeto II discuti o currículo do curso de Pedagogia, as diferentes áreas de atuações do pedagogo e apresentaram-me diversas propostas de projetos, cada um com determinada temática.

Escolhi participar dos encontros do grupo de Projeto III nas fases I e II do Projeto de Práticas Pedagógicas Inovadoras, com o intuito de conhecer escolas que se organizavam de maneira diferente, em que cada aluno tinha voz, métodos pedagógicos que reconheciam os conhecimentos dos alunos pautados nos princípios da “Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade” e assim trilhavam caminhos melhores que as ditas tradicionais.

Estudei teóricos que se preocupavam/preocupam com questionamentos como a necessidade de valorizar o pensamento dos alunos, de preparar os alunos para questionarem a realidade que encontrarem fora da escola e torná-los co-partícipe do processo de aprendizagem. Simultaneamente, participei de discussões, reuniões com convidados de cada escola em que estávamos conhecendo e realizei observações em escolas com práticas pedagógicas capazes de contribuir na conquista da autonomia das crianças.

Na fase I do Projeto IV, iniciei as práticas em uma Escola Classe do Distrito Federal. No primeiro semestre atuei como observadora, acompanhei a prática de duas professoras, havia uma grande disparidade na forma como cada uma tratava os seus alunos e lhes apresentava os conteúdos. Passei a me questionar e refletir cada vez mais sobre a importância de um ambiente acolhedor, estimulante, criativo, interessante e de um professor seguro do seu papel e metas a cumprir.

No segundo semestre, uni teoria e prática e pude desfrutar mais contato com os alunos, fiz intervenções pedagógicas, planejamentos e participei de oficinas de construir e brincar realizadas a partir dos interesses dos estudantes e vinculadas ao Programa de Extensão “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras”. Estas foram organizadas em três etapas: planejamento, execução e avaliação. Na etapa de planejamento os professores conversam com os alunos para descobrir qual atividade se interessam, passam as informações obtidas para o grupo do Projeto Autonomia e se inicia a etapa de preparação para a execução, fica a cargo de cada pessoa ou dupla ajeitar os materiais necessários para determinada oficina e aos alunos o pedido para que levarem alguns materiais para que sejam reutilizados. Na semana anterior, os alunos se inscreveram nas oficinas que desejam participar e no dia vão para tais.

Teve oficinas de brincadeiras antigas com corda, bambolê, elástico para pular, boca de palhaço, campeonatos de bola de gude... Oficina do caça-ao-tesouro, outras de construir vai-e-vem, fantoches, cai-não-cai fazendo uso de materiais reaproveitáveis.

Ao final, fazem uma avaliação do que gostaram ou não gostaram, do que pode mudar e o que pode se repetir. Momento onde as crianças ficam a vontade para falarem como se sentiram durante aquele dia. Posteriormente, professores e o Projeto Autonomia também avaliam as oficinas e todo o processo.

Os dias destinados para a realização das oficinas foi de imensa alegria para os alunos, mas sei que não são todos os dias assim. Portanto, muitas atitudes e ações nas escolas tradicionais me inquietam, fazendo-me questionar sobre a prática educativa na escola, pois acredito em uma educação que respeite o espaço da criança propiciando momentos de brincar livremente, ouvir os desejos e valorizar a relação entre os pares em busca de um ambiente que proporcione aprendizagem somando com amor.

**PARTE II**  
**O TRABALHO MONOGRÁFICO**

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem importância para que se possa refletir sobre as práticas tradicional e inovadora, revela as diferenças encontradas em cada uma delas e demonstra a partir do pensamento da autora qual a melhor prática a ser trabalhada dentro das escolas e os benefícios que uma prática pedagógica inovadora traz não somente aos alunos, mas à educação como um todo. Nossa intenção é despertar a autonomia, mas assim como construir práticas responsáveis e solidárias, colocar o aluno como o principal protagonista pelo seu processo e a escola como um lugar de cumplicidade e amor.

Com base nessas reflexões, a questão norteadora que guiou este trabalho foi “Quais as diferenças na prática educacional percebida em uma escola da rede pública do Distrito Federal, no que se refere às práticas tradicionais e inovadoras no cotidiano da escola”?

Nessa perspectiva, o objetivo geral coloca-se para investigar quais as diferenças percebidas na prática desenvolvida e acompanhada em uma escola da Rede de Ensino do Distrito Federal, no que se refere a ações e intervenções tradicionais e inovadoras. Os objetivos específicos, diretamente ligados ao objetivo geral, são: pesquisar as diferentes interlocuções possíveis acerca das práticas pedagógicas vividas no contexto da pesquisa, em uma escola da Rede Pública do Distrito Federal, compreender o histórico e a prática tradicional e investigar como algumas ações podem promover o ensino com práticas inovadoras.

Esta monografia apresenta-se na segunda parte quatro capítulos. O primeiro aborda a escola tradicional mostrando suas características e suas práticas, as quais se consolidaram no âmbito educacional. O segundo capítulo coloca as práticas inovadoras como uma forma de pensar e viver uma escola. Já o terceiro capítulo traz a metodologia sob a perspectiva da pesquisa qualitativa, dividindo-se em sub-tópicos que abordam a contextualização do ambiente da pesquisa e outro sobre os sujeitos envolvidos nela. Por fim, o quarto e último capítulo apresenta uma análise sobre recortes do Diário de Campo<sup>1</sup> em relação às questões tratadas anteriormente. Essa análise subdivide-se tanto

---

<sup>1</sup> Todos os relatos trazidos neste trabalho sobre vivências em sala de aula ou em oficinas foram retirados do diário de campo produzido como trabalho final do Projeto 4 da Faculdade de Educação da

no âmbito das práticas tradicionais, das práticas inovadoras e das práticas que fazem uma interlocução entre um fazer e outro. O que revela um momento de transição e dúvida sobre a realidade e o objetivo da escola hoje.

Na terceira e última parte do trabalho, encontra-se as perspectivas profissionais da autora.

## **Capítulo 1 - A escola tradicional e sua prática educativa na escola**

A escola desde muito tempo tinha a tarefa de transmitir às futuras gerações o conhecimento sistematizado, as normas de convivência, a preocupação com a formação cultural, religiosa e civil, voltado em especial aos filhos das famílias mais ricas da população.

De acordo com Cunha (2007), eram poucas as pessoas que podiam desfrutar do acesso aos colégios no Brasil. A educação sistemática, elaborada, formalizada se iniciou com os jesuítas no ano de 1549 buscando um modelo a ser implantado, requerendo uma nova maneira de ser, de pensar e de agir se firmando na influência religiosa.

Os colégios jesuítas seguiam normas padronizadas denominada Ratio Studiorum, no Brasil este ensino foi dividido em quatro graus: o curso elementar, o curso de Humanidades, o curso de Artes e o curso de Teologia. O primeiro é tido como o mais importante, chamado de curso elementar era ofertado nos 17 colégios fundados pelos jesuítas e consistia no ensino das “primeiras letras”, neste primeiro nível os alunos aprendiam a doutrina religiosa católica, a ler, escrever, contar, o senso de responsabilidade, a consciência da autoridade, a disciplina da obediência e a importância da hierarquização.

O tempo na Ratio Studiorum era de suma importância, pensado, organizado, controlado e disciplinado em todas as áreas da escola. O tempo educacional era colocado como elemento fundamental para notarem a disciplina e os momentos reservados a cada tipo de atividade como: espirituais, cognitivas ou de lazer.

A disciplina estava presente como um elemento cultural do qual os alunos deviam apropriar-se pela educação, podendo ser ensinada e não imposta. Negativamente, é visto uma relação de submissão de quem é ensinado, para com aquele que ensina, mas há uma grande importância por detrás da disciplina e de seu caráter formativo. Na medida em que, por meio da relação pedagógica, esta instrui algumas regras de convivência e regulamentos em busca da organização, podendo formar cidadãos que participem da elaboração de suas próprias regras e grupos que se fazem presentes.

Para solucionar casos tidos com problemas relacionados à indisciplina, que são frequentes nas salas de aula, recomenda-se manter a autoridade, respeitando a criança,

aproximando-se dela, conversando e procurando entendê-la. Não é usando a autoridade concedida para ser autoritário e desrespeitar os alunos na intenção de formá-los, pois é comum observar como o medo e a violência parecem inerentes a essas escolas. As crianças se deparam com um ambiente novo, carteiras enfileiradas, às relações com pessoas desconhecidas, com jogos de competitividade, medo dos professores, medo de não conseguirem aprender, medo de provas e de possíveis castigos consequentes ao não cumprimento das regras estabelecidas.

Uma das regras presente na *Ratio Studiorum* determinava que o professor nomeasse na classe um aluno que seria o decurião chefe, uma espécie de aluno espião, aluno fofoqueiro, este iria receber mais privilégios advindos do mestre, teria o direito de impor algumas penas menores aos colegas de classe e cabia a ele observar se todos os alunos iriam ficar sentados, se algum passeia pelo pátio antes do sinal tocar, se para de fazer as lições ou se entra em outra sala, mencionado por Cunha (2007).

Ainda no estatuto que trata das penalidades aplicáveis aos estudantes que tiverem comportamentos inaceitáveis como: perturbar o silêncio, causar desordem ou infringirem as normas impostas estão sujeitos à repreensão em público, pena de faltas, “prisão correcional”, onde terá um lugar preparado dentro do espaço escolar para os alunos ficarem isolados, possuindo o direito de saírem apenas para assistirem às lições e correndo o risco de serem punidos para perderem o ano letivo.

(...) detalhe na disciplina escolar e a preocupação com as minúcias que reinaram (reïnaram?) na pedagogia escolar e militar de forma classificatória, controladora, que transforma as pluralidades confusas em multiplicidades organizadas, deixando permanecer as possibilidades de ligações operacionais entre a ...técnica de poder e um processo de saber. (FOUCAULT, 1983, p.135)

As práticas pedagógicas vêm tornando os espaços escolares em locais complexos, em que se organiza o tempo e as classes de acordo com o horário e o saber. Dando forma a uma pedagogia analítica, minuciosa e hierárquica.

De acordo com Franca (1952) toda a hierarquização presente nessas escolas é julgada como altamente satisfatória em termos pedagógicos, mesmo havendo uma comparação entre os padrões disciplinares escolares e os treinamentos cobrados nos quartéis militares. Esse nivelamento em ordem de importância, que enfatiza um ser como o subordinado, contribui de fato na prática pedagógica?

Vários fatores como a interdisciplinaridade, a diversidade da intervenção, os saberes docentes, entre outros, contribuem na prática pedagógica, mas o nivelamento proporciona o contrário, faz com que haja uma disparidade entre o que se busca e o que de fato acontece no cotidiano das escolas.

Esta hierarquização ainda se faz presente nas escolas de hoje contribuindo para oprimir as crianças com gritos de reprovação, para tolhê-las, humilhá-las, despertar agressividade e fazer com que as mesmas copiem dos educadores este tratamento estúpido, que demonstra a falta de amor e cumplicidade no ambiente escolar. Quem sente prazer em aprender sendo tratado dessa maneira?

Mesmo diante dessas práticas tradicionais que inibe o modo de ser das crianças, Cunha (2007) afirma que as escolas jesuítas marcaram presença educacional no Brasil durante 210 anos.

A instituição escolar estabelece à sociedade que todos os sujeitos serão colocados em “formas” para serem modelados conforme ensinaram. Nascidos nesta sociedade logo se aprende que deve chegar no mesmo horário, sentar-se, manter-se calado, realizar os exercícios, lanchar mesmo não sentindo fome no momento, ir ao banheiro e andar em fila. Colocam a cargo da escola o aprendizado do que é e o que não é, o que pode e o que não pode, o que vale e o que não vale, o que é certo e o que é errado. É obrigado a ensinar e aprender isso e aquilo.

É interessante como a técnica para o controle, o aprendizado e a prática da dominação impõe aos corpos tarefas repetitivas, voltadas para a aprendizagem final de um indivíduo, economizando tempo e exercendo poder sobre os educandos. Assim, o aluno é tido como mero receptor de conhecimento e informações, obrigando à turma de alunos permanecerem sentados em suas carteiras enfileiradas e apenas obedecerem ao que é imposto pelos adultos.

Não se pode imaginar que passa despercebido pelos professores que cada corpo tem seu próprio ritmo biológico, seus próprios desejos e vontades ligadas a enfoques subjetivos. Que cada ser controla o seu corpo, mas tem um próprio tempo para realizar as atividades.

Nesta perspectiva, por que a maioria das escolas é igual em todo o mundo? Por que ao entrar em uma sala de aula percebe-se a mesma configuração espacial? As

crianças são de fato felizes neste ambiente? Por que a maioria das aulas o professor quem fala o tempo inteiro? Nos corpos a única parte que pode se movimentar é o cérebro?

Quanto mais se analisa as relações dos educadores e educandos a partir de Paulo Freire (1987), percebe-se o educador como o real sujeito, mas estes educadores realizam a tarefa de maneira a “encher” os educandos de conteúdos, sem a devida valorização da história de vida das crianças. Pois cada indivíduo é fruto do meio ao qual está inserido, devendo ao educador ser antes de tudo pesquisador de seus alunos, conhecendo e valorizando a história de vida de cada um.

A luz de Luckesi (2011), a escola permanece com o papel de preparar intelectualmente e moralmente os alunos para assumir uma posição na sociedade. Os conteúdos não tem relação com as experiências dos alunos e se divergem das realidades sociais. Os métodos baseiam-se na exposição verbal e análise das matérias realizada pelo professor, o qual exige atitude receptiva dos alunos e silêncio total no decorrer da aula. A aprendizagem ocorre de forma mecânica e para obter a certeza que foi eficaz é certificado a repetição de exercícios sistemáticos e recapitulação da matéria, pois o aprendizado será verificado nos interrogatórios orais, exercícios de casa, trabalhos e provas escritas. A depender das notas alcançadas, o aluno receberá um reforço negativo como as punições e apelos aos pais ou elogios, estímulos, premiações (estrelinha no caderno, presentes). Esta pedagogia tradicional é viva nas escolas atuais.

Mediante isso, cabe refletir a quem serve a escola? Porque passado tantos anos e com tantas evoluções tecnológicas a escola ainda encontra-se opressora e segregadora?

Essa reflexão nos leva ao início, os educadores de hoje foram ensinados por professores opressores, e essa educação castradora está arraigada em nossa educação, é preciso romper essas correntes, urge transformar discursos em realidade.

Cabe ressaltar um dos maiores estigmas da prática tradicional, talvez o mais controverso: a avaliação, que de maneira errônea amedronta e exclui, pois só avalia o educando perdendo o professor um momento único de: avaliação – reflexão- avaliação. Porque é necessário perceber que os erros e possíveis fracassos também são reflexos da prática do professor, que se utiliza das relações de poder na construção do conhecimento. As avaliações possuem um formato, são arcaicas e não atingem as

individualidades dos alunos, que acabam estudando apenas para determinada prova. O aprendizado real não é o objetivo principal dessas avaliações, o que faz com que a nota obtida não reflita necessariamente na educação e no aprendizado, mas para medir, comparar, classificar e excluir alunos dentro das escolas.

Esta exclusão inicia-se no grupo de professores, que cada educador procura ensinar uma determinada matéria e nem conversa com os outros educadores, o conhecimento é passado de forma fragmentada, as disciplinas e campos de conhecimento não trabalham em parceria. A escola surgiu para servir a sociedade, mas ainda se encontra de portas fechadas aos pais e a comunidade, uma instituição isolada e alheia ao que acontece fora das paredes da escola. Por isso, necessita-se romper com a tendência fragmentadora do ensino e com o isolamento da escola para que haja a interação entre o conhecimento e a sociedade.

Para Muñoz (2013), a educação é a única modalidade realmente permanente, um processo de criação de relações possíveis e sem ela não poderíamos ser como somos já a escolarização é o processo de repetição de relações pré-estabelecidas.

A escolarização tradicional é subordinada à racionalização, a cumprir um dever normativo, que segue currículos, defende a objetividade, a linearidade, a mecanização, onde os alunos 'devem' aprender tudo o que é ensinado, que todos possuem e caminham na mesma direção, pensam da mesma maneira e na mesma sequência. O educador nega sua condição de sujeito e passa a ser um simples objeto a ser moldado com os critérios e procedimentos da escola.

O papel do indivíduo no processo de aprendizagem é basicamente de passividade, como salienta Mizukami (1986): atribui-se ao sujeito um papel irrelevante na elaboração e aquisição do conhecimento. Ao indivíduo que está adquirindo conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico. (Mizukami, 1986. p.11)

Como todo educador reconhece, não é uma tarefa fácil lidar com todas as variáveis do processo de ensino e aprendizagem, piorando quando a prática presente tem concepções antigas. Como demonstra Ferguson no paralelo entre o paradigma

educativo e o paradigma de aprendizagem, aperfeiçoado por Muñoz (2013) como o paradigma escolar e o paradigma educativo.

O paradigma escolar enfatiza o conteúdo, o aprender como um produto que tem um objetivo final, estas escolas possuem uma estrutura rígida, hierárquica e autoritária, transmitem todo o conteúdo da mesma maneira, as atividades são separadas e determinadas de acordo com as idades, fixa o olhar aos resultados, aumento das relações entre os alunos e as tecnologias e o professor passa o conhecimento em uma única direção. Não se faz necessário prejudicar e denegrir as vantagens das regras, da memorização, da repetição de conteúdos, das rotinas escolares, mas se deve lembrar, que são atitudes rígidas, que modelam, não pode ser pensante e nem se quer criativo.

O paradigma educativo é voltado para o aprender pelo aprender, como um processo, uma viagem, o ato de prestar atenção ao que é conveniente, estar aberto a novas ideias, um ambiente igualitário, estimula a autonomia, revela que é possível ensinar uma matéria de diversas maneiras, a importância da integração de grupos de diferentes idades, aqueles que sabem ensinam os que não sabem e tornam o provável em algo possível, priorização ao processo, ao uso da imaginação, criatividade, sonhos, desejos e a relação de maior importância acontece entre os alunos e professores, eternos aprendizes.

No entendimento de Brandão (1981) educação não acontece apenas no âmbito escolar, ela está presente em qualquer relação que tenha um ou mais indivíduo. Por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber, pois a sabedoria acumulada por um grupo social capacita-o a ensinar e a viver diferentes situações de troca entre as pessoas. Onde há qualquer tipo de saber está presente algum modo de ensinar, porque ensinar e aprender são atos inseparáveis.

“A Educação é hoje considerada como um fator de mudanças: um dos principais instrumentos de intervenção na realidade social com vistas a garantir a evolução econômica e a evolução social e dar continuidade à mudança no sentido desejado[...]” (Ministério do Planejamento para o da Educação, 1981, p.84)

Partindo da ideia que se busca uma educação que promove a formação do indivíduo através da construção de valores, pode-se melhorar a qualidade da educação escolar. Essas melhorias somente serão possíveis quando transformar a própria escola,

‘desescolarizá-la’, sair do atual e tradicional para assim, promover a inovação e a equidade.

A educação, a autodisciplina, a autonomia do ser humano, devem dar-se a partir dessa sua natural expansividade quando criança, buscando fazê-lo crescer e tornar-se senhor de seus atos, sem coibir-lhes desnecessariamente sua espontânea expressão. (PARO, 2011, p.187)

As escolas não precisam estar servidas de ameaças, punições e avaliações, mas de espaços atrativos, de tempos e de atividades planejadas para que as práticas pedagógicas se voltem para atender as necessidades específicas das crianças para viverem enquanto se educam e poderem expressar toda a vitalidade presente na infância, levando-se em consideração por diferenciar-se da adolescência e idade adulta.

Todo e qualquer processo educativo exige dos educadores uma presença de um criador, sujeito ativo para que haja uma nova interpretação, uma reordenação, uma recriação da velha prática podendo acontecer a partir da desescolarização. Assim, o estudante faz parte desse processo de criação dos saberes e lhe traz novos significados. O processo de aprendizagem nunca pode ser feito de forma hierárquica, onde o professor detém o conhecimento e o transmite para aqueles que não o detém; este processo deve ser feito de forma ativa de ambos os lados, professores e estudantes deveriam construir a aprendizagem de forma conjunta.

Desescolarizar a escola, segundo Muñoz (2013) é reconhecer que a educação acontece em um tempo e espaço histórico, por meio de múltiplas linguagens, incertezas, contradições, lugar de criatividade, de ter relações, de poder equivocar-se, de se questionar e demonstrar suas intenções juntamente com a razão, ter compromisso, esperança, paciência, responsabilidade, humor, vivências nos processos e não exclui o fracasso, mas não castiga estas, são contrárias as características encontradas na escolarização.

Esta escolarização é clara em todas as escolas com práticas tradicionais, as quais saem na frente desta competição capitalista como a escola que consegue passar além do conteúdo programático, a escola que mais aprova nos vestibulares, a escola que se preocupa com o futuro profissional das crianças, mas não volta à preocupação para a criação de uma saudável relação educativa, estabelecida no diálogo, na confiança e no respeito ao espaço do outro.

A promoção de uma competente relação pedagógica, de fazer um trabalho democrático não está ligada somente a “má intenção” dos professores, mas ao sistema no qual a escola se encontra. Alguns professores até

[...] tentam lançar mão de alguns mecanismos que quebrem a formalidade da aula “tradicional”, ora organizando os alunos em grupo, num grande círculo, ora procurando estimular sua atividade por meio da manipulação de objetos concretos, como recortar, pintar, etc., mas tudo isso parece ser feito sem a adequada habilidade por parte dos professores, não alcançando o fim desejado de tornar a aula mais prazerosa. (PARO, 2011, p.187)

Outros professores dizem que no começo do ano letivo fazem os combinados juntamente com as crianças, vão apenas orientando este processo. Sabem da importância da participação dos alunos nas decisões da escola, em que os mesmos sintam prazer em fazer parte daquele todo e não se sentir apenas mais um, e como foi um combinado construído junto, fica mais fácil de incentivá-los a cumprir.

Para instalar uma escola com práticas inovadoras é preciso haver mudanças.

Porque a gente vem com essa ideia de sala de aula, de sentar... eu mesma, por mais que a gente saiba que hoje não tem que ser assim, que tem que mudar a prática, eu procuro mudar em pequenas coisas, mas eu... eu tenho medo também que caia na bagunça, que a coisa fique perdida... então a gente tem que estar muito, muito bem preparada para isso. E a própria sociedade, porque a cobrança dos pais é aquela coisa [tradicional]. (PARO, 2011, p.187)

Os professores possuem discursos favoráveis a uma escola com uma espécie de autogoverno, a necessidade de conceder autonomia ao estudante, mas veem como algo utópico, não são capazes de associar a visão e os discursos a novos comportamentos e novas práticas pedagógicas.

Atualmente, as escolas passam por inúmeros problemas cotidianos e relacionados ao processo de ensino-aprendizagem, como falta de interesse dos alunos pelas aulas, indisciplina, evasão escolar, analfabetismo funcional, grande número de professores desestimulados e com problemas de saúde, entre outros.

Estes problemas cotidianos que as escolas passam estão ligados à estrutura e funcionamento condizentes com uma prática pedagógica tradicional. Se a maioria dos educandos obtiver resultados satisfatórios ao final do ano letivo, não há tanto com o que se preocupar. Contudo, os professores, membros escolares e a sociedade de um modo geral, normalmente se acomodam a esse modelo de escola, não se percebe uma indignação significativa por parte da maioria destas pessoas.

## Capítulo 2 - A escola pensada e vivida a partir das práticas inovadoras

Ao longo da história da educação no Brasil, nem todos apoiavam o modelo de educação tradicional, assim alguns educadores, ativistas, servidores públicos, entre outros, não mediram esforços para lutarem por uma educação democrática.

Foi com os ideais da Revolução Francesa e o movimento pela independência dos Estados Unidos que representaram mudanças na atuação da participação popular, fazendo romper o modelo aristocrático anterior em busca da democracia. A partir de então iniciou o desejo e as ações de transformar uma escola para alguns em uma escola que atendesse a todos.

As reformas educacionais começam a acontecer nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Ceará. Assim, em 1932 acontece um marco na educação nacional, chamado de Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, o qual educadores idealistas defendem a ideia de uma educação pública, com os princípios da laicidade, da gratuidade, da obrigatoriedade, da coeducação, da autonomia, da descentralização para todos os cidadãos brasileiros, pois consideram:

(...) a escola, campo específico de educação, não é um elemento estranho à sociedade humana, um elemento separado, mas "uma instituição social", um órgão feliz e vivo, no conjunto das instituições necessárias à vida, o lugar onde vivem a criança, a adolescência e a mocidade, de conformidade com os interesses e as alegrias profundas de sua natureza. (Trecho extraído do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, PENIN, 2001, p.27)

Nesta escola tradicional existe diretor, coordenador, lista de frequência, uniforme e outros mecanismos de controle que verticalizam a escola e acaba perdendo a participação e responsabilização de cada pessoa, pois o indivíduo quer ser valorizado pela sua singularidade, sentir-se importante pela sua contribuição, ajudar em um objetivo comum, o sentimento de pertencer aquele grupo para poder pensar ações e agir.

A escola sempre foi um lugar de confinamento em que os indivíduos passam um grande período da vida sendo observados, local que costumam chamar carinhosamente de “segunda casa”, por fazer alusão ao tempo que permanecem no mesmo ambiente.

O diploma ou certificado são formas de revelar que durante aquele período de tempo as pessoas conseguiram concluir as etapas presentes no sistema escolar, porque segundo Illich (1985) a escolaridade não promove a aprendizagem, tampouco à justiça.

O ensino pode contribuir para determinadas aprendizagens, mas a maioria dos conhecimentos são adquiridos fora da escola. O ato de aprender significa obter novas informações, novas habilidades e está, frequentemente, ligada a um resultado de instrução, que é a forma em que se escolhe as circunstâncias que facilitam a aprendizagem. O facilitador deste processo é o professor que está em constante contato com os alunos e tem a consciência que:

[...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (FREIRE, 2011. p.25)

Os alunos estão necessitados dessa forma, estilo e não podem deixar de fazer comparações, ter dúvidas, se questionarem, se deixarem levar pelo falso ensinar, mas criar possibilidades para uma própria construção do conhecimento, sabendo que é possível aprender criticamente.

É preciso que os alunos não percam o interesse nas aulas, agucem a curiosidade, estimulem a capacidade, que não se sintam controlados e nem intimidados, mantenham vivos o desejo de rebeldia, de arriscar, de tentar e procurar enxergar no ensino um aprendizado, que consiga ir além de conhecimentos apreendidos, uma aprendizagem voltada para o desenvolvimento pleno da personalidade, o respeito consigo próprio e com os outros, a criatividade, a liberdade, a responsabilidade e valores que contribuam na formação destes sujeitos.

Pacheco (2011) afirma que o caminho para o melhor funcionamento das escolas é a partir da democratização, vista como a diversificação das práticas pedagógicas partindo das mudanças no professor a todo o contexto da instituição. A formação do professor deve despertar uma necessidade permanente de aprender e um processo pessoal de desenvolvimento, pois os professores precisam ter consciência dos efeitos positivos e negativos que essa formação poderá trazer. É necessário que haja uma reflexão acerca do que pode representar um simples gesto de um professor na vida dos alunos. Um gesto ou uma fala expressada podem aparentemente ser insignificantes, mas para os alunos valem como força formadora ou até mesmo como revolta.

Por sua vez, a competência do professor é muitas vezes restringida ao que é permitido fazer dentro da escola, por isso percebe-se nessa escola da rede pública do Distrito Federal, acompanhada por mim, professores que estão prestes a se aposentar ou

professores recém-formados, reclamando constantemente do cansaço, chegam para dar aula totalmente desmotivados, costumam gritar e se questionados por qual motivo, logo, respondem que estão estressados com o exercício da profissão, fecham-se dentro da sala dos professores no horário do recreio para não ter contato com as crianças, dão aulas contando o tempo para irem embora, sem sequer olhar no olho das crianças. Felizmente, nem todos são assim.

Até mesmo aqueles professores que buscam mudanças, estão sendo “contaminados” pelo desinteresse dos outros, não recebem abertura por parte da equipe gestora, mas devem ser persistentes nos sonhos e aproveitarem as oportunidades de inovação que surgirem. Assim, eu espero que os professores se interessem por novas práticas e tomem iniciativas para mudá-las e aumentar a qualidade educacional de todas as instituições.

A iniciativa, segundo Pacheco (2011, p.127) pode ser entendida como um conceito de “implicação deliberada dos professores na mudança”. Nele os professores determinam como tornar espaços autônomos entre as paredes das instituições e fora delas, alcançando espaços dentro da sociedade para intervir na realidade.

A resolução dos problemas precisa partir daqueles que se incomodam, pois os pais estão mudando, as crianças também e como a escola pode permanecer igual?

A Escola da Ponte, dirigida pelo educador José Pacheco, decidiu iniciar essa mudança em uma escola pública em Portugal e buscar um espaço mais participativo, democrático e que respeitasse as diferenças individuais de cada sujeito.

Nessa escola, não existem grades que delimitam os espaços, nem paredes separando turmas por faixa etária ou nível de escolaridade, não tem um lugar definido para realizar as atividades ou salas de aula com um professor regente. A estrutura organizacional é feita por espaços abertos, onde todos tem o direito de circular nos locais educativos separados por áreas, os alunos se ajeitam em pequenos grupos de acordo com interesses comum em relação ao que desejam aprender, reúnem-se quinzenalmente com os orientadores educativos para planejarem o que vão fazer coletivamente e a partir disso cada aluno traça diariamente as suas tarefas. Após os quinze dias avaliam o que aprenderam, o que precisam melhorar e em seguida formam novos grupos. Se estiverem obtendo êxito nas atividades em grupo, pesquisa e auto-

avaliação, a criança segue para um aprendizado mais voltado a cumprir o Parâmetro Curricular Nacional, proposto por Pacheco (2011).

Uma escola que foi sonhada, nasceu, mudou-se, e mostrou que é possível fazer acontecer. Hoje, essa escola nada tradicional serve como fonte de inspiração para outras. No Brasil, o Projeto Âncora, situado em Cotia, São Paulo, implementou um projeto democrático e é a experiência que mais se aproxima com a Escola da Ponte. Em Brasília, há a Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, que também possui o seu próprio processo educativo.

Todos estamos envolvidos na escolarização, seja pelo lado da produção, seja pelo lado do consumo. Estamos supersticiosamente convencidos que uma boa aprendizagem pode e deve ser produzida em nós e que nós podemos produzi-la nos outros. (ILLICH,1985, p.88)

A aprendizagem que o autor se refere só será alcançada quando conseguir libertar a escola das suas amarras, de anos de adestramento e da padronização. Pois, há em todos os lugares professores, pais, alunos que se incomodam com o modelo de educação tradicional, o qual fragmenta os conteúdos e disciplina os corpos, portanto uma significativa minoria já perdeu a fé na escolarização e conspira por uma educação inovadora, libertária e democrática.

Uma parte dessa minoria são pais de ex-alunos da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo que iniciaram o Projeto Autonomia. Este busca servir como inspiração e contribuir com a rede pública do Distrito Federal, ao seguir o modelo da Escola da Ponte, que é baseado na construção de três grandes valores: autonomia, solidariedade e responsabilidade.

Conseqüentemente, iniciou-se na Universidade de Brasília o Programa de Extensão e ação continuada (PEAC) “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras”, com estudos e discussões que buscassem colocar na prática de algumas escolas do DF os principais pilares de uma educação inovadora, por meio de dispositivos que fazem da escola um espaço mais propulsor de uma aprendizagem significativa para as crianças e adolescentes.

Os dispositivos ou instrumentos pedagógicos são definidos no início do ano letivo, dialogado com toda a equipe escolar e construídos gradativamente de acordo com a realidade da escola, o meio e os sujeitos envolvidos.

Busca-se nas escolas pensadas a partir de práticas inovadoras que coloque em prática alguns dos dispositivos como: as Assembleias, a qual reúne todos os estudantes e professores para decidirem os direitos e deveres que consideram essenciais e para discutirem e votarem democraticamente os problemas que surgirem no decorrer da semana, acompanhado em uma das turmas da escola. Os debates são mais informais e breves que as assembleias e acontecem todos os dias para a discussão e avaliação do trabalho do dia. A Caixinha dos Segredos é um local onde as crianças depositam seus desabafos e como o próprio nome diz podem colocar os segredos, algo que incomoda e pode revelar a razão de determinados comportamentos. Nos grupos de responsabilidade, cada aluno fica responsável por algum aspecto da escola e nas assembleias analisam o todo, o Gostei/ Não Gostei (GNG) incentiva a criança a verbalizar o sentimento sobre o que ocorreu, demonstrando equilíbrio e, por fim, os dispositivos Eu já sei/ Posso ajudar ou Preciso de Ajuda são muito utilizados para desenvolver a autonomia nos alunos e leva-los para uma auto- avaliação. Eles são encorajados a estudar e buscar todas as fontes possíveis antes de pedirem ajuda, pois o objetivo do professor é facilitar o acesso ao aprendiz e não proporcionar os conhecimentos prontos. Quando se esgota as possibilidades, o aluno tem o direito de escrever o nome em uma das listas que ficam disponíveis em diferentes locais da escola e assim um professor ou outro aluno organiza pequenos grupos para tirar as dúvidas e passar o conteúdo.

Sabe-se que a escola tem poucos meios para iniciar uma mudança radical e isso pode ir acontecendo vagarosamente. A resistência à mudança é presente na escola em que a pesquisa foi realizada. A insegurança cria medo ao novo, os professores se mantêm relutantes em modificar a sua conduta, às vezes modificando-as somente quando estavam sendo observados.

Uma verdadeira prática pedagógica, que prioriza a aprendizagem significativa de seus estudantes, não pode estar pautada na tentativa de nivelar todos os educandos. Cada sujeito é singular, e esta singularidade deve ser levada em consideração no processo de ensino e aprendizagem. Inovar significa deixar para trás antigos paradigmas que não conseguem mais suportar a verdadeira criação de saberes conjunta, que envolve todos os membros da escola.

### **Capítulo 3 - Metodologia**

A pesquisa apresentada possui natureza qualitativa, dentro dessa perspectiva todo tema pode ser considerado inédito, pois leva em conta o olhar de cada pesquisador a partir de um referencial. Essas pesquisas são bem mais flexíveis e procuram dar atenção a maneira de pensar, considerando a subjetividade, os sentimentos, porque as interpretações sempre serão abertas, podendo ser divergentes o que garante uma maior riqueza de significados a pesquisa.

As observações foram realizadas durante um ano em uma escola pública do Distrito Federal, percebem-se relações entre pesquisadores e sujeitos com o intuito de compreender as práticas para atuar sobre esta realidade. Foi escolhido a pesquisa qualitativa porque:

não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. (Goldenberg, 1999, apud PORTELA, 2004, p.2)

Os procedimentos qualitativos neste trabalho buscam explicar o porquê de uma prática tradicional, através de recortes do diário de campo sem quantificar valores, mas exprimindo uma maneira melhor que convém ser feito a partir de uma nova prática pedagógica.

De acordo com Weber (2009), o diário de campo é caracterizado por exercer plenamente uma “disciplina” etnográfica, devem-se relacionar as informações observadas ou compartilhadas e acumular todos os materiais para analisar as práticas. Além das observações no desenrolar do cotidiano, o diário de campo registra as relações entre as vivências da pesquisa e os estudos teóricos adquiridos pelo pesquisador por meio da prática.

#### **3.1. Contexto da Pesquisa**

A pesquisa se desenvolveu em parceria com o (PEAC) “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras,” conhecido como Autonomia, no ano de 2013, em uma escola pública do Distrito Federal, que tem seu nome resguardado em sigilo para cumprir a função ética dentro da pesquisa e não expor nenhum dos sujeitos envolvidos.

A escola atende os anos iniciais do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, tinha 15 turmas, sete pela manhã e oito à tarde, cerca de 400 alunos e 16 professoras a frente das classes, uma diretora, uma supervisora e uma coordenadora pedagógica. Sua estrutura física é adequada, consegue acomodar bem toda a equipe escolar, havia oito salas de aula, uma sala de professores, uma sala para orientação, uma sala de informática em desuso, uma sala de recursos, quatro banheiros sendo dois para os estudantes e dois para os funcionários, uma cantina, uma sala para os servidores da limpeza, um pátio, um parquinho, uma casinha, uma quadra de esportes coberta e uma grande área verde ao seu redor.

O trabalho do (PEAC) “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras” com essa escola aconteceu em diferentes momentos. Iniciamos com o contato entre as professoras do projeto com a equipe escolar no intuito de mostrar qual eram os objetivos daquelas novas propostas e construções que aconteceria com a entrada de alunos de diferentes áreas da graduação e outros parceiros que acreditam em uma escola com pilares inovadores. Foram realizadas reuniões com todos os participantes do projeto e o corpo docente da escola. Nestas observamos discursos contraditórios que gostavam de realizar aulas ‘diferentes’, mais descontraídas, que rompiam com padrões tradicionais, diziam querer uma escola com novas práticas, mas às vezes demonstravam-se contentes com a que existia.

Ficou decidido então, que cada membro do projeto acompanharia como observadora uma professora que estivesse disposta a trabalhar com novas propostas em suas aulas, neste momento veio à tona todas as impressões dos desejos de mudança observadas nas reuniões que não coincidiu com o que foi observado na sala de aula. Embora, houvesse o respeito dos alunos com a professora, a aula era monótona, cheia de regras e imposições. As observações e implicações eram discutidas nas reuniões do Programa e em seguida os alunos propunham atividades e mini projetos que fossem ao encontro dos princípios do (PEAC) “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras” e intervinham na sala em que se faziam presentes. Alguns dos mini-projetos foram iniciados, mas não conseguiram ser concluídos. Já outros mesmo com dificuldades, foram realizados e alguns se desenrolaram com muita tranquilidade.

Em meio às observações e intervenções nas salas de aulas, foram planejadas, executadas e avaliadas, oficinas, um dia reservado a atividades de construção e

brincadeiras com temas que surgiram a partir dos interesses das crianças. Momento auge do (PEAC) “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras” dentro da escola, onde cada extensionista se preocupava em olhar cada feito, cada conversa e principalmente os usos dos dispositivos e aprendizados contidos no Mesmo.

Por fim, as professoras que coordenavam o Programa na UnB se reuniam com as coordenadoras da escola para pensar em como ajudar determinadas professoras, quais ainda estavam interessadas em participar e realizar uma avaliação geral.

### **3.2. Sujeitos da Pesquisa**

Iniciamos a pesquisa com a observação em uma sala do 4º ano com crianças na faixa etária de sete e oito anos, cerca de 10 meninos e 14 meninas e uma professora de postura rígida, séria, costumava gritar e pedir silêncio inúmeras vezes ao dia, era autoritária e demonstrava muita preocupação com o tempo e o conteúdo. Pedia aos alunos para não a interromper com dúvidas enquanto estivesse explicando a matéria e que guardassem os questionamentos para os fazerem quando concluísse. Escolhia o livro que a criança ia ler, não podia haver conversas entre os colegas durante as atividades, mesmo que fosse com o intuito de ajudar o outro. Fazia anotações na agenda, caso não realizasse a tarefa ou infringisse as regras impostas.

Nesta sala, não havia abertura para fazer intervenções, a professora estava satisfeita com a prática que exercia e afirmava constantemente que se não fosse à base de gritos, as crianças não iriam respeitá-la. Esta ainda tentou usar outros meios de pedir silêncio, mas não persistiu na tentativa e voltou a fazer ‘psiu’ e se alterar com os alunos.

Em uma das reuniões realizadas com o grupo do (PEAC) “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras” e o grupo escolar, ficou decidido que seria mais proveitoso trabalhar com as professoras que realmente se mostravam dispostas a fazer uso dos dispositivos e renovar a prática.

Assim, a pesquisa deu continuidade em uma sala de 3º ano, nesta a professora estava disposta a participar do Programa, acreditava e queria fazer da escola um lugar mais harmônico, tentava dar mais oportunidades de participação para as extensionistas, procurava ouvir e colocar em prática alguns dos dispositivos do Programa, mas às vezes agia de forma mecânica, sem instigar as crianças. Outras vezes eram visíveis os desejos de fazer de um modo diferente, no entanto não passava de vontades que logo eram

tolhidas pela direção. Os alunos com cerca de oito e nove anos de idade, demonstravam bastante carinho para com a professora e grande interesse em participar das aulas.

Este trabalho tem o cuidado de resguardar os cuidados éticos para com os participantes e ainda como forma de assegurar a confidencialidade da identidade dos sujeitos envolvidos, utilizamos nomes fictícios nos relatos do Diário de Campo.

## **Capítulo 4 - Análise da prática na escola: o tradicional, o inovador e uma interlocução entre um fazer e outro.**

Apresentamos nesta parte do trabalho, através de recortes do Diário de Campo, vivências em relação aos dias em que a extensionista acompanhou a prática de duas professoras e todas as incertezas, empenho e construções que surgiram dentro da escola após a entrada do grupo do (PEAC) “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras”.

A partir do observado e vivido, observa-se determinadas características relevantes a uma prática definida anteriormente. Assim, surge a necessidade de separá-las em diferentes categorias, a das práticas tradicionais observadas, as práticas inovadoras planejadas e concretizadas e outras práticas que conversam entre a prática tradicional e inovadora.

### **4.1. Práticas Tradicionais**

Os professores se veem no poder não de ensinar e educar, mas na função de adestrar os alunos. Pois, é comum ver professores reclamando que o maior problema na sala de aula é a indisciplina e para contê-la passam medo e ameaçam. Dizem que os alunos vão ficar sem recreio, que vão anotar na agenda comunicando aos pais o ocorrido ou mandá-los a direção. O que foi visto em um dos acontecimentos na sala do 4º ano, onde:

A professora avisou que hoje seria um dia diferente, pois as crianças iriam ao pátio ver as maquetes dos colegas das outras turmas. As maquetes foram feitas em casa com a ajuda dos responsáveis para complementar o projeto realizado pelas turmas dos 4º anos sobre a água e o meio ambiente. Ao avisar as crianças ficaram agitadas, ela pediu silêncio e alertou que se continuassem fazendo barulho não iria ocorrer nada de diferente no dia. (Diário de campo, 19 de abril de 2013).

Como observado, o poder da professora em ameaçar os alunos ao dizer que durante o dia não iria acontecer nada de diferente, salientando que durante todas as aulas acontecem da mesma maneira, não se tem ânimo para buscar algo novo, andam cansados e desanimados com o exercício da profissão o que resulta em aulas monótonas e desinteressantes.

É necessário, pensar os diversos comportamentos que fazem parte do dia-a-dia na escola são secundários e talvez não seja pensada qual a sua real finalidade. Um grande exemplo pode ser percebido no relato em que a professora.

(...) pediu para as meninas se organizarem em fila e saírem da sala para prestigiar os trabalhos dos colegas. Assim que voltaram, foi à vez dos meninos. (Diário de campo, 19 de abril de 2013).

Na escola formar filas é considerado um hábito tão comum que nem chega a ser questionado, parece fazer parte da vida desde que se nasce, talvez por todo o lugar em que se frequenta participar de filas para pagar contas em bancos, para passar uma compra em supermercados, para entrar no ônibus, para colocar comidas em restaurantes de serviço próprio isso com o intuito de organizar de forma cronológica e atender as pessoas que chegaram primeiro no estabelecimento. Mas, não para se deslocarem em fila de um lugar para outro. Essa prática de andar em filas acontece nas escolas e nas prisões, onde os corpos são controlados.

Diariamente, as filas eram formadas para as crianças saírem de uma sala para a outra e utilizando o critério de separação por gênero, uma fila para as meninas e outra para os meninos. Eles não podem se misturar?

Pergunto-me se essa prática é uma herança do regime militar? Para que serve e o que se aprende formando filas na escola? Será uma forma de organização, respeito, hierarquia, ordem ou o que? Talvez, mas é preciso saber que há outras maneiras de buscar a disciplina e a ordem, e esta não é a melhor. Provavelmente, nem os professores que pedem para as crianças caminharem em filas reconhecem o objetivo.

No ambiente escolar, os professores estão mais preocupados com o ensino sistematizado e com os elementos de ordens imobilizadoras ao invés de um ensino onde os alunos possam ser protagonistas.

No recreio reparei as crianças correndo, algumas jogando pedras nas outras, a quadra é utilizada apenas por uma turma a cada dia, assim também acontece com os outros brinquedos como totó e mesa de ping-pong. Após o recreio, a professora brigou com alguns alunos que usaram o totó no dia que não era da turma e avisou, mesmo se não tiver nenhuma turma utilizando-o não pode brincar porque não é o dia da sua turma. (Diário de campo, 19 de abril de 2013).

A preocupação deveria se dar em torno da importância do cuidado com o próprio corpo e com o corpo do outro, mostrar como se brinca e ensinar que jogar pedras não é uma brincadeira. Deixá-las de castigo ou ameaça-las não mudará este tipo de comportamento e não tornará uma convivência sadia. É preciso desenvolver um pensamento mais voltado para o senso coletivo à individualidade, para construírem um recreio legal em conjunto. A professora ao brigar quis impor um tipo de ação e de

pensamento, onde as crianças serão punidas e se persistirem em jogar pedras não participarão mais do recreio.

E não poder jogar bola na quadra ou jogar totó somente por não ser o dia em que foi previamente destinado a turma é um grande absurdo. Deveria prezar pela alegria e união de todas as turmas em um momento de envolvimento com brincadeiras e aprendizados.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. (FREIRE, 2011, p.70)

Está aqui a importância onde o professor precisa ter esperança em uma educação que promova transformações. As crianças precisam ter autonomia para escolher o livro que vão ler, as questões que vão elaborar e materiais necessários para criar, pois aprendem a caminhar sozinhas e resolver os conflitos sem a ajuda de um adulto.

Os professores estão acostumados a entregar tudo pronto para as crianças, sem perceber os conhecimentos que as crianças trazem e o entusiasmo de participarem e demonstrarem o que sabem e o desejo de aprender. Mas, a culpa não é apenas dos professores, é dívida com o sistema.

Saviani (1987) esclarece que o sistema implica um ato intencional, porém ultrapassa o indivíduo, que para realizá-lo precisa ter consciência de qual objetivo quer alcançar, os mesmos podem ser diferentes e até opostos. O sistema educacional brasileiro deve ser o resultado de uma atividade intencional comum para oferecer uma educação de qualidade.

Na primeira reunião do grupo do (PEAC) “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras” juntamente com o grupo de professores da escola, percebemos a intenção para que ocorram melhorias na escola. Foi proposta por uma das professoras, coordenadora do projeto, que cada professor falasse uma palavra que os remetesse a escola dos sonhos. As palavras ditas foram: cuidado, conhecer, aprender, alegria, aprendizagem, prazer, imaginação, compartilhamento, conhecimento, movimento, sucesso, descoberta, trabalho, encontro, liberdade, crescimento, autonomia, união, construção, brincadeira, responsabilidade, dúvida, recordação e amor. As

intenções são as melhores, mas a atividade intencional e abertura para uma prática inovadora demonstram uma contradição no fazer diário da escola.

Em uma aula de Português, ocorre a troca do livro que é enviado para ser lido em casa. Este é escolhido pela professora e no dia da entrega são sorteados cinco alunos para recontarem oralmente a história. Um aluno

(...) foi escolhido para fazer o reconto, mas como tinha esquecido o livro em casa não o fez e ficou sem carimbo. O aluno insistiu, queria muito contar a história, disse que leu o livro, mas sua insistência não teve sucesso. (Diário de campo, 24 de maio de 2013).

Para a escola é mais importante, manter o silêncio, carimbar folhas para ganhar adesivos e recompensas ao invés de deixar a criança se sentir participante. O tempo é calculado e não há espaço para as crianças pensarem, muito menos recontarem uma história. A instituição escolar não reconhece o vigente fracasso e a necessidade de desescolarizá-la, prefere manter o *status quo* e os deveres normativos de controle da escola.

#### **4.2. Práticas Inovadoras**

Sem querer voltar à escola com práticas tradicionais, já tão exaustivamente criticadas, problematizamos a seguir alguns recortes acompanhados no cotidiano escolar. Busca-se mostrar a criatividade, a iniciativa dos alunos e um ensino ativo. Após a entrada dos extensionistas na escola foi proposto pequenas mudanças como o sinal que era uma sirene e passou a ser música; no recreio levaram jogos e prepararam caixas para guardá-los; escolha para representantes das turmas, uso de dispositivos pedagógicos que constroem grupos heterogêneos para se reunirem e tratarem de demandas e problemas da escola.

Ocorreu também o planejamento, execução e avaliação das oficinas em três edições, momento de pluralidade na escola, o qual causou mudanças nos olhares dos professores. No planejamento, decidimos que teriam oficinas de construir e oficinas de brincar e, durante a manhã ou tarde, cada criança passaria por uma de “construir” e outra de brincar. Mas, devido ao grande número de crianças e alguns imprevistos que aconteceram na primeira edição das oficinas, cada criança participou somente de uma. Era para cada criança escolher previamente a oficina que gostaria de participar, mas

quando os extensionistas encontraram as crianças, para a execução, descobriram que os próprios professores haviam alocado os alunos em determinadas oficinas.

A primeira oficina que eu e minha dupla realizamos foi de brincar. Os alunos estavam entusiasmados, aproveitamos para iniciarmos com um alongamento, em seguida sentamos em roda para uma conversa sobre o que eles esperavam dessa oficina e um momento de apresentação para nos conhecermos. Aproveitamos para fazer os combinados, regras e convivências, que servem para todos os participantes. Oferecemos elásticos, iô-iô, bambolê, cordas, petecas, pega-varetas, bolas de gude, cada brinquedo separado em um espaço e as crianças poderiam trocar de brincadeira quando se sentissem à vontade.

Surgiram alguns conflitos, o mais notável foi na hora em que havia muitos meninos fazendo um campeonato de bolas de gude, jogavam quase ao mesmo tempo e ficavam sem saber quais eram as bolas de gude de cada um, contudo conseguiram se organizar sem grandes conflitos. Durante a tarde estava acontecendo da mesma maneira, muitas crianças jogando ao mesmo tempo, mas a professora que estava acompanhando a oficina se irritou com a organização das crianças, afirmou que estava uma “bagunça” e mandou formarem uma fila para cada criança jogar na sua vez.

Está aqui a importância da diversidade de intervenção, entre as extensionistas que esperaram os próprios alunos se organizarem e a professora que agiu de forma autoritária. Sabemos que cada pessoa age e se diferencia dos outros, através de hábitos, escolhas e até mesmo soluções para os problemas que porventura surgem, mas essa intervenção precisa ser ao mesmo tempo, formativa e construtora de autonomia.

É importante que os educandos sejam livres para tomarem decisões e terem autonomia para resolver estes pequenos conflitos, porque caso contrário, a criança não vai aprender a ser ela mesma, e sempre vai esperar alguém decidir por ela.

A autonomia, enquanto amadurecimento do *ser para si*, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 2011, p.105)

Para finalizar a oficina, propomos a realização de um desenho coletivo sobre a escola dos sonhos, escreverem o que gostaram/ não gostaram durante a oficina em um painel feito de folhas brancas e em seguida as crianças voltaram para as salas de aula.

Na segunda edição das oficinas, propomos uma oficina de construir um carrinho de papelão, as rodas eram de tampas de garrafa pet e sua locomoção é feita através do ar comprimido em uma bexiga. A primeira oficina da manhã teve problemas por erros nos materiais e fez com que alguns carrinhos não andassem. Rapidamente, os próprios alunos foram se ajeitando e nos mostrando que o problema estava sendo solucionado, personalizaram o carrinho, empurraram com a mão e brincaram de outro modo.

As crianças demonstraram que quando há vontade para aprender e brincar, facilmente se resolve os problemas. Nas outras oficinas solucionamos o problema e foi um sucesso. Realizamos uma corrida que não havia vencedores e perdedores, prezando pelo coletivo e não pela competição tão presente nas escolas e fora delas e, finalmente, a avaliação escrita sobre o que os alunos acharam da oficina.

Na terceira edição, fizemos outra oficina de construir um bilbolquê com garrafas pet e tampas ou com folhas de revistas. Na maioria das oficinas de construir que tiveram nas três edições, buscou-se utilizar materiais reutilizáveis, revelando que a maioria dos materiais podem ter outras utilidades antes de serem jogados no lixo.

Tentamos colocar em prática o dispositivo denominado projetos, (entendido como construção e implementação de um trabalho de pesquisa sobre um tema em que as crianças desejam aprender). A professora do terceiro ano havia comentado do desejo por parte dos alunos da realização de uma horta na área verde próxima a quadra, então conversamos e decidimos que iríamos fazer um roteiro para trabalharmos uma vez na semana com esse projeto. Iniciamos a parte da elaboração de hipóteses, pedimos para cada grupo escrever as ideias, perguntas sobre o tema, mas o desenvolvimento desta etapa não foi fácil. As crianças não revelaram suas dúvidas e precisaram bastante do nosso direcionamento, sendo que o intuito dessa prática é as crianças promoverem uma auto-organização, coletiva e espontânea.

Nesse momento pedagógico, percebemos como é difícil ratificar práticas autônomas na escola, considerando uma cultura escolar que controla e só permite ações pré-estabelecidas.

Sonha-se que mais alunos questionem as regras, tenham mais dúvidas que certezas, busquem a autonomia em espaços que dão valor à liberdade, ao diálogo e ao respeito à diversidade e que esse espaço possa ser a Escola.

### **4.3 Práticas que fazem uma interlocução entre um fazer e outro**

A entrada do (PEAC) “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras” na escola deixou os professores mais animados e esperançosos, logo, observavam como aconteciam as oficinas e, às vezes, os gestos e tentativas de intervenções dos extensionistas durante as aulas também serviam de inspiração e exemplo. Esses eram alguns momentos de atenção e escuta aos interesses dos sujeitos, de voltar o olhar para cada criança como um ser singular e mostrar que a educação vai além da própria escola.

Os extensionistas chegaram cheios de energia e de vontade e foram espalhando-as pelos espaços da escola, uniram-se aos alunos que demonstraram prazer em aprender e passaram a contagiar e animar professores. Tão logo esses sentimentos e ações conquistaram os professores que, mesmo um tanto engessados à sua prática, forçados a seguir um currículo obrigatório, abriram algumas brechas para o novo entrar. Em uma das aulas.

A professora explicou que neste momento as outras turmas viriam apreciar os trabalhos deles e os mesmos poderiam explicar o que fizeram, deixou bem claro a não obrigatoriedade da apresentação, falou aos alunos que quem não quisesse falar não haveria problema. (Diário de campo, 19 de abril de 2013).

Diante desse relato, percebe-se uma fala mais calma, que deu liberdade ao desejo das crianças para se expressarem e não serem obrigados a fazer algo que poderiam não querer. Anteriormente, a professora obrigaria com um ato autoritário que todos os alunos deveriam apresentar, inibindo a presença da vontade das crianças e dificultando a possibilidade de situações que nem mesmo ela poderia prever acontecerem. Vimos, assim, a mudança e a melhoria à procura de uma prática que reconhece um pouco mais as crianças e abre espaço para que elas aconteçam.

Uma grande mudança observada foi com relação, por exemplo, à maneira de se dirigirem uns aos outros, professores e alunos. As professoras buscaram outros modos de pedir silêncio às crianças sem usar as músicas e os gritos, e era notório o tempo que perdiam tentando manter a turma em silêncio total anteriormente. Passaram a falar com as crianças com um tom de voz mais baixo, aguardavam cada aluno reconhecer a

presença, sem necessidade de falar ou chamar a atenção. Consequentemente, os alunos tinham a iniciativa de calar-se, pedir silêncio aos outros colegas, avisavam que a professora estava querendo falar e isso fez toda a diferença na construção do respeito mútuo. Com uma pequena mudança no tom de voz, na forma de se dirigir a palavra, já apareceram novas relações, fortalecimento dos exemplos e, inclusive, maior cooperação entre os sujeitos.

Porém, ainda há a necessidade de buscarem outras formas – diferentes da sistematização comum - de ensinar os conteúdos para que ocorra uma aprendizagem significativa, visto que os conteúdos se apresentam distantes dos alunos e os mesmos não enxergam no que aprendem um conhecimento sobre o mundo, sobre o homem, sobre o que o homem construiu em sua história, usando as palavras de Saviani (2012, p.17) “para existir a escola não basta a existência do saber sistematizado.” Portanto, os professores precisam encontrar novos meios para viabilizar as condições de transmissão e assimilação dos conteúdos, dosando-os de acordo com o “caminhar” da criança.

Observamos como as alunas sentadas ao nosso lado estavam resolvendo as contas, depois resolvíamos. Elas pediam ajuda em algumas, diziam que não estavam entendendo e líamos com elas e tentávamos ajudar. Em um dado momento, a professora foi chamada para resolver um problema fora da sala e pediu que uma de nós corrigisse uma questão. Assim, fui resolver no quadro e perguntei para as crianças como elas estavam fazendo. (Diário de campo, 03 de agosto de 2013).

Então, quando fui resolver a conta no quadro quis partir do conhecimento delas, tive a preocupação de saber como estavam fazendo para assim, corrigi-las. É importante conhecer seus educandos, o que eles gostam, quem são, e esta oportunidade de entendê-los melhor e dar atenção aos seus desejos foi revelada a eles através das oficinas, e logo, a importância que cada um tinha dentro do grupo e alguns interesses passaram a ser atendidos pelas professoras. Em umas das aulas a professora estava corrigindo um exercício com bastante pressa, as crianças apagavam as respostas com medo de errarem, contando o tempo e esquecendo-se de se importar com o aprendizado, contudo ao fim da correção a professora percebeu a euforia dos alunos comentando sobre a copa do mundo e o próximo jogo da Seleção Brasileira. Propôs, então, um bolão. Entregou papel para as crianças colocarem os palpites e prometeu um prêmio ao aluno que acertasse o placar do jogo. Um aprendizado por parte da professora de também partir do interesse das crianças a partir das vivências práticas e transformar aquilo em aprendizagem, em atividade pedagógica, em trabalho de sala de aula.

O ano terminou e nossa passagem pela escola também.

O Autonomia não conseguiu dar continuidade aos pequenos projetos e implantação dos dispositivos na escola, mas despertou em cada professor a sabedoria de quando entrar em uma sala (FREIRE, 2011, p. 47) “ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tem – a de ensinar e não a de transferir conhecimento.”

Portanto, é possível perceber que quando se busca um encontro de práticas inovadoras e tradicionais com o intuito de se encontrar um caminho que dialogue para a construção de um novo saber, uma nova educação e um novo encontro dos professores com seus alunos, não se quer dizer que uma deve sobressair à outra ou mesmo que uma é menos importante de direcionar o olhar. Foi, justamente, no encontro das duas práticas que uma escola pública do Distrito Federal pôde refletir, questionar, repensar e reconstruir atividades, planejamentos, visões de mundo, escolhas pedagógicas e ressignificar suas relações.

Assim como os professores precisaram de seu tempo, de aceitar ou recusar, de se entenderem e criar uma nova postura diante do que estava sendo apresentado pelos extensionistas, os mesmos refletiam sobre suas concepções a cada encontro com a escola. Esse movimento de interlocução entre um fazer e o outro é a riqueza de um trabalho que procura trazer a autonomia, a corresponsabilidade e a solidariedade para dentro de um ambiente escolar formado por pessoas singulares, diversas e igualmente potenciais em contribuir com uma nova educação, uma educação almejada para todos presentes na comunidade escolar.

### **Considerações Finais**

Com a construção deste trabalho, pude especificar as diferentes práticas percebidas em uma escola pública do Distrito Federal. Através da metodologia utilizada, que se iniciou com reuniões do (PEAC) “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras”, reuniões com o grupo de professoras e posteriormente intervenções na sala de aula e realização de oficinas, foi perceptível que a cada momento distinto, a cada tentativa de implantação dos dispositivos o comportamento das crianças mudaram.

Atualmente, ainda existem muitas escolas com práticas tradicionais, como visto durante as observações, onde a maioria dos relatos as crianças não demonstravam interesse em participar das aulas, viam somente o horário do recreio voltado para brincadeiras, o tempo estava sendo regulado, a disciplina era fundamental para o desenrolar da aula, a relação de ensino-aprendizagem era voltada apenas para a transmissão do conhecimento, vista como propriedade do professor. Escolas com estas práticas tradicionais caracterizam-se pela grande formalidade do ensino.

Os desafios, os quais me deparei foram enormes, mas não podemos contentarmos com as velhas práticas. A escola pode começar a construir momentos que entrelaçam práticas tradicionais e inovadoras para alcançarem um espaço voltado para as práticas inovadoras e construção da autonomia. Esta pode criar relatos de alunos que se sintam motivados a participarem das aulas, que percebam a escola como um espaço rico de aprendizagens significativas, onde pesquisam, são proativos e tentam tomar suas próprias decisões e iniciativas.

A escola precisa despertar o gosto por pesquisar, por aprender, a partir do interesse dos alunos, de uma escola em que vise mais interrogações do que certezas e que busque uma educação formadora e mais humana.

**PARTE III**  
**PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

### **Em um futuro próximo...**

Primeiramente, planejo começar a lecionar após a conclusão do curso de Pedagogia para adquirir experiência profissional. Pretendo iniciar em alguma escola particular com crianças do Ensino Fundamental I, período que vai do 1º ao 5º e envolve alunos de aproximadamente dos seis aos dez anos de idade. Tenho uma grande afinidade com crianças dessa faixa etária e acredito ser o tempo da criança ampliar a noção que tem de lugar e tempo, por estar aprendendo a ler e a escrever, conhecendo o espaço o qual está inserido dentro e fora da escola.

Concomitantemente, quero estudar para concursos, interesse-me, prioritariamente, pela Educação Pública, por serem escolas taxadas com qualidades inferiores às particulares, onde a maioria dos alunos vem de famílias de classe média baixa e por perceber que é este o espaço mais propício para colocar em prática todos os meus desejos de mudança.

Reconhecendo a relevância de uma formação continuada para a prática do professor em sala de aula, incluo, futuramente, a realização de cursos de aperfeiçoamento, especialização e/ou capacitação. Visto que continuo sonhando com uma escola melhor, com práticas inovadoras e professores que respeitem as singularidades de cada indivíduo.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã**: o ensino superior, da Colônia à Era Vargas. 3. ed. [revista]. São Paulo: UNESP, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- KOBLITZ, Rodrigo Vasconcelos; LUZ, Dioclécio. **Projeto autonomia**. 2010.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2011.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- MUÑOZ, Carlos Calvo. **Del mapa escolar al territorio educativo**: isoñando la escuela desde la educación. 5. ed. La Serena: Editorial Universidad de La Serena, 2013.
- PACHECO, José. **Escola da Ponte**: formação e transformação da educação. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- PARO, Vitor Henrique. **Crítica da estrutura da escola**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. Por que é importante conhecer o papel da escola no mundo contemporâneo? In: PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. **Progestão**: Programa de Capacitação a Distância para Gestores Escolares. Brasília: CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação, 2001.
- PERUZIN, Magda Madalena Tuma. **A escola e o tempo**. 1. ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.
- PORTELA, Girlene Lima. **Abordagens teórico – metodológicas**: Pesquisa quantitativa ou qualitativa? Eis a questão. Projeto de Pesquisa no ensino de Letras para o Curso de Formação de Professores da UEFS, 5 p. 2004.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação Brasileira**: estrutura e sistema. 6. ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1987.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico – crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. 1ª reimpr. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

WEBER, Florence. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?**. Horiz. antropol. vol.15 no.32 Porto Alegre July/Dec. 2009.

## APÊNDICE 1



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE TEORIAS E FUNDAMENTOS**

### **CARTA DE AUTORIZAÇÃO**

Eu, Clara Cabral Neves Martinho, aluna de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula nº11/0010108, autorizo Marina Lacerda Cordeiro, estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula nº11/0017315, a utilizar nossas escritas coletivas, realizadas no período de 19 de abril de 2013 a 04 de dezembro de 2013, referentes aos encontros de oficinas, observações e regências em sala de aula vinculado ao PEAC-UnB: Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras – para utilização na íntegra ou em partes no Trabalho Final de Curso, palestras ou publicações.

Brasília-DF,            de            de 2014.

Clara Cabral Neves Martinho

## APÊNDICE 2

### Diário de Campo

Este relatório foi elaborado a partir das reuniões feitas para a apresentação do (PEAC) “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras” e as observações feitas por cada extensionista que acompanhou uma professora em seu exercício, em uma escola pública do Distrito Federal.

#### **1º dia: 19/04/2013**

As carteiras estavam organizadas, de forma que os alunos pudessem sentar em duplas. A professora avisou que hoje seria um dia diferente, pois as crianças iriam ao pátio ver as maquetes dos colegas das outras turmas. As maquetes foram feitas em casa com a ajuda dos responsáveis para complementar o projeto realizado pelas turmas dos 4º anos sobre a água e o meio ambiente.

Ao avisar as crianças ficaram agitadas, ela pediu silêncio e alertou que se continuassem fazendo barulho não iria ocorrer nada de diferente no dia. Então, pediu que os alunos organizassem um semicírculo para colocarem as maquetes e facilitar o acesso as outras turmas. Após, a organização da sala começou a entregar as maquetes que estavam guardadas em cima do armário.

*“A professora fez a entrega, perguntando de quem era, quando a criança levantava para buscar a sua maquete, a professora de maneira não sutil expunha a criança.”*

Falava que estava ruim, mal feita, se os pais não tiveram tempo de ajudá-lo, que podia ter feito com mais capricho, também elogiava e avisou que as cinco melhores maquetes seriam levadas na próxima semana para exposição.

As cinco melhores maquetes para serem expostas na feira de ciências foram escolhidas através de votação realizada pelos próprios alunos.

Quando todas as crianças já estavam com a maquete sobre a mesa, pediu para as meninas se organizarem em fila e saírem da sala para prestigiar os trabalhos dos colegas. Assim que voltaram, foi à vez dos meninos.

Depois todas as crianças voltaram para as mesas. A professora explicou que neste momento as outras turmas viriam apreciar os trabalhos deles e os mesmos

poderiam explicar o que fizeram, deixou bem claro a não obrigatoriedade da apresentação, falou aos alunos que quem não quisesse falar não haveria problema, o que não podia era atrapalhar ou explicar gritando porque todos apresentariam ao mesmo tempo e se cada um falasse mais alto ninguém conseguiria entender. Os alunos concordaram.

As turmas entraram primeiro somente a fila de meninas e posteriormente a dos meninos. Muitas crianças apresentaram e falaram sobre utilização e preservação da água no planeta.

No recreio reparei as crianças correndo, algumas jogando pedras nas outras, a quadra é utilizada apenas por uma turma a cada dia, assim também acontece com os outros brinquedos como totó e mesa de ping-pong.

Após o recreio, a professora brigou com alguns alunos que usaram o totó no dia que não era da turma e avisou, mesmo se não tiver nenhuma turma utilizando-o não pode brincar porque não é o dia da sua turma.

Bruna também gritou para o João tomar o remédio, ele rapidamente tomou. Um colega dele perguntou por que ele precisa tomar o tal remédio, ele respondeu que já tinha falado sobre isso outra vez e que não ia repetir.

Em seguida deu início a aula de Português e Literatura, na qual as crianças terminaram um exercício no caderno.

Chegou a hora de trocar o livro para a leitura durante a semana, cada criança vai à mesa da professora entregar o livro, a atividade escrita sobre o mesmo e volta com outro livro, escolhido pela professora.

Se a criança não realizar em casa a atividade sobre o livro, não ganha carimbo. E o aluno que completa cinco carimbos ganha um adesivo.

## **2º dia: 26/04/2013**

Cheguei à sala e a professora pediu que eu sentasse na última carteira da sala para realizar a observação.

A professora deu início à aula de Ciências pedindo para eles lerem da página 90 a 93 do livro didático, os temas das páginas eram lixo, água e erosão. Ela deixou

bastante tempo para a leitura, porém saiu da sala neste momento. Logo, muitas crianças se dispersaram, ficaram conversando, brincando e só voltaram a ler quando a professora retornou.

Ao chegar pediu para cada aluno ler um parágrafo em voz alta, mas, ela quem escolhia os alunos para realizar a leitura e no decorrer da mesma, fazia explicações sobre o conteúdo. Pediu para os alunos não interromperem, guardar as dúvidas e vivências para quando encerrasse as quatro páginas.

Quando terminou a leitura compartilhada a professora atribuiu pouquíssimo tempo para este momento, assim, deixou algumas crianças chateadas porque não puderam se expressar.

Em seguida, escreveu no quadro este cabeçalho:

Escola Classe Jardim Botânico

Lago Sul, 26 de abril de 2013.

Hoje é sexta-feira

Professora: Bruna

Aluno:

Escreveu também um texto sobre erosão e alguns exercícios que seguem abaixo:

### Erosão

A erosão é um processo de deslocamento de terra ou de rochas de uma superfície. A erosão pode ocorrer por ação de fenômenos da natureza ou do ser humano.

Causas naturais – No que se refere às ações da natureza, podemos citar as chuvas como principal causadora da erosão. Ao atingir o solo, em grande quantidade, provoca deslizamentos, infiltrações e mudanças na consistência do terreno. Desta forma, provoca o deslocamento da terra. O vento e a mudança de temperatura também são causadores importantes da erosão.

Causas humanas – O ser humano pode ser um importante agente provocador das erosões. Ao retirar a cobertura vegetal de um solo, este perder sua consistência, pois a

água, que antes era absorvida pelas raízes das árvores e plantas, passa a infiltrar no solo. Esta infiltração pode causar a instabilidade do solo e a erosão.

Prejuízos ao ser humano – A erosão tem provocado vários problemas para o ser humano. Constantemente, ocorrem deslizamentos de terra em regiões habitadas, principalmente em regiões carentes, provocando o soterramento de casas e mortes de pessoas. Os prejuízos econômicos também são significativos, pois é comum as erosões provocarem fechamento de rodovias, ferrovias ou outras vias de transporte.

Formas de evitar erosão:

- Não retirar coberturas vegetais de solos, principalmente de regiões montanhosas;
- Planejar qualquer tipo de construção (rodovias, prédios, hidrelétricas, túneis, etc.) para que não ocorra, no momento ou futuramente, o deslocamento de terra;
- Monitorar as mudanças que ocorrem no solo;
- Realizar o reflorestamento;
- Curva de nível no terreno e
- Sistemas de drenagem.

“De acordo com os textos estudados em sala, responda as questões abaixo:

- 1- O que é erosão?
- 2- Que cuidados os moradores devem ter para evitar tragédias por desmoronamentos?
- 3- Além da água, que outros agentes causam erosão?”

Após fazerem a cópia, permitiu que começassem a responder. O dever foi interrompido pelo lanche e o recreio.

Quando as crianças voltaram para a sala dedicaram-se à atividade. Ao terminar, cada criança levava para a professora corrigir, se estivesse errado precisa consertar e novamente mostrar. Os alunos que acertavam todas as questões podiam guardar o caderno. Por fim, ela corrigiu a atividade no quadro, perguntando as respostas às crianças.

Na aula de Português e Literatura, foi realizado um ditado para trabalhar as letras G e J. O mesmo possuía algumas regras: não olhar o ditado do colega, quando terminar de escrever a palavra abaixar a cabeça para manter o silêncio e também era uma maneira

da professora saber quem já tinha escrito a palavra. O ditado vale adesivo, mas só ganha quem acertar um número x de palavras.

As palavras ditadas foram:

1-girassol	6-gengiva	11-laje	16-manjedoura
2-sujeito	7-tangerina	12-jiboia	17-cerejeira
3-gesso	8-genipapo	13-tigela	18-jeito
4-gibi	9-relógio	14-gorjeta	19-garagem
5-canjica	10-jiló	15-girafa	20- rabugento

Em seguida, falou para os alunos entregarem o ditado, alguns pediram para desenhar, ela autorizou, mas, explicou que só podia no verso, pois assim, ninguém olhava as palavras.

Após um tempo a professora recolheu todos os ditados, pediu para formarem filas e tocou o sinal da saída.

### **3º dia: 03/05/2013**

Cheguei à sala e a professora pediu para eu me acomodar na última cadeira da sala e observar.

Bruna deu início à aula de Ciências, pediu aos alunos para que lessem três páginas do livro sobre os espaços que os rodeiam. Após o tempo destinado para a leitura a professora explicou de maneira expositiva o conteúdo, em seguida questionou-os se estavam com dúvidas, se tinham entendido e posteriormente passou um exercício

A atividade tratava de uma releitura de duas obras, impressas em folha A4 e coladas no quadro, um tinha a paisagem do meio rural e a outra a cidade do meio urbano. A professora falou para os alunos reproduzirem as obras iguais as que estavam expostas e colorir quando terminasse o desenho.

Bruna entregou duas folhas brancas para cada aluno realizar o que foi pedido.

Tocou o sinal, as crianças foram lanchar e aproveitar o recreio. Após o mesmo, continuaram realizando a atividade, aquele que concluía guardava as releituras no portfólio.

*“Para fazer a entrega das pastas do portfólio à professora gritava bastante e expôs de maneira constrangedora um aluno que não possuía a pasta.”*

E aguardava de cabeça baixa os colegas terminarem.

Na aula de Português, houve a troca do livro para a leitura durante a semana.

*“Na hora da troca do livro as crianças ficaram animadas e ansiosas para descobrirem que livro iria receber, mas algumas voltaram para as mesas tristes por não terem recebido o livro que tinham vontade de ler.”*

A professora pediu aos alunos que escrevessem uma redação onde o autor fizesse parte da história. A criança iria contar que ela e mais um amigo mudariam do campo para morar na cidade

Não podia conversar com o colega e durante a realização da redação a professora ficava circulando pela sala apontando e apagando os erros ortográficos.

*“Depois ficou se queixando de dor nas costas. A meu ver, existem diversas maneiras melhores para esta correção ser menos dolorosa e mais representativa.”*

#### **4º dia: 10/05/2013**

Bruna juntou sua turma com outra do 4º ano para assistirem o filme do Peter Pan, de acordo com a professora eles estavam estudando sobre notícias. No livro de Português havia um quadro de notícias sobre ficção e sugeria o filme para complementar a aula. As professoras acharam interessante e passaram o filme.

Na hora do lanche, as crianças “brincaram” de jogar carne e arroz uma nas outras. Bruna ficou irritada, brigou bastante e prometeu deixar os alunos que estavam envolvidos nesta brincadeira sem recreio, mas não cumpriu.

Após o recreio, na aula de Português entregou uma folha branca para os alunos desenharem a parte do filme que mais gostou e escrever uma frase, um parágrafo ou uma redação pertinente ao desenho.

Na hora de trocar o livro para a leitura da semana, houve crianças que esqueceram o livro e a atividade, assim, deixaram de ganhar carimbo e receberam uma chamada e anotação na agenda.

Uma aluna está sem pegar o livro desde a semana passada, pois o perdeu e sua mãe não tem condições de comprar outro. A professora pouco se importou com a explicação, brigou até a menina chorar.

### **5º dia: 17/05/2013**

Nesta semana a escola estava com um planejamento diferenciado, pois iria ter palestras e oficinas com o tema: semana para a vida.

Os alunos da UnB ficaram responsáveis pelas oficinas a serem realizadas com os alunos. Clara e eu, havíamos planejado no semestre passado uma oficina de jogos e brincadeiras antigas e chegou a hora de colocarmos em prática.

Ao chegar na escola, Joana me recebeu e avisou que esta oficina seria realizada na quadra. Organizei os brinquedos e fui buscar os alunos.

Em uma conversa enquanto aguardávamos os outros alunos chegarem, descobri que não foram às próprias crianças que optaram por determinada oficina.

Ao chegar na quadra foram convidados a fazer um alongamento, me imitando ou imitando qualquer colega porque, qualquer criança poderia mudar o tipo de exercício que estava sendo feito. Os alunos se animaram, em seguida sentaram em uma roda, me apresentei e pedi que eles se apresentassem, falei sobre a oficina, perguntei como eles achavam que era e fizemos alguns combinados.

Em cada espaço da quadra ficou um grupo com um determinado brinquedo, petecas, bambolês, bolinhas de gude, ioiô, elástico e poderiam trocar na hora que se sentissem a vontade.

Uma professora interferiu dizendo aos alunos que se eles escolheram determinada brincadeira era para permanecer até o final, porque tinha pouco tempo e muitas crianças. Esta parte em relação ao tempo e ao número de alunos é verdade.

Passei em cada grupo para fazer intervenções, ajudei, brinquei e aprendi com os alunos. Alguns deles se dispersaram, ao longo da oficina, chegaram e saíram crianças.

Por fim, formamos uma roda para a discussão sobre a oficina, perguntei o que gostaram e o que não gostaram o que poderia ser diferente e como seria a escola dos sonhos.

No centro da roda, juntei várias folhas para ficar um painel e sugeri fazermos um desenho coletivo, onde todos desenhariam, completariam o desenho do outro colega, mas isso não deu muito certo porque uma criança se recusou a desenhar dizendo que estava feio, outro rabiscou o desenho do colega, logo depois, foram chamados para retornarem as salas.

Durante a tarde, a oficina foi acompanhada por uma professora que me ajudou, mas tomou algumas decisões autoritárias.

*“Foi bem cansativo, mas foi presente a autonomia, a interação entre os alunos de diferentes idades e a vontade de fazer algo diferente, expressadas por falas e desenhos.”*

#### **6º dia: 24/05/2013**

Este dia o planejamento era voltado para a festa junina. Durante o primeiro horário, as crianças fizeram uma atividade para ilustrar uma festa junina, recortaram e coloram bandeirinhas, fizeram barracas das comidas típicas, quando concluíram guardaram no portfólio.

Lancharam e foram para o recreio. Após o recreio, fizeram a dobradura do balão de São João.

A professora entregou uma folha para cada aluno, começou a dobrar passo a passo para as crianças acompanharem. A todo o momento dizia para fazer sempre apoiando na mesa, não ajudar o colega porque cada um precisa fazer do jeito que sabe.

Um aluno estava dobrando ao contrário, logo ela gritou, a parte aberta é virada para você. Outro pediu para a Bruna esperá-lo um minuto enquanto tomava o remédio, ela respondeu, “Oxe, toma! E ninguém precisa ficar gritando tia, porque eu vou passar em cada um toda vez que dobrarmos”.

A professora brigou com seis alunos, porque ela havia pedido para dobrar apenas de um lado e eles dobraram os quatro lados, fez estes desdobrarem e após dois minutos pediu para dobrarem os quatro lados.

*“A professora pode pedir às crianças que conseguiram dobrar da maneira correta para ajudar os colegas que não estava conseguindo, ao invés de se cansar passando em mesa por mesa.”*

Neste dia Bruna fez diferentes dos outros, ao invés de cantar "Pam pam ram ram pam... pam pam!" e fazer "psiu" a todo instante, hoje ficou em silêncio, esperando as crianças perceberem que a mesma estava pedindo a vez para falar.

Realizaram novamente a dobradura do balão, explicou que o primeiro enfeitaria a sala e o segundo eram para eles.

Na aula de Português ocorreu a troca do livro e o reconto foi oral. Acontece da seguinte maneira, a professora sorteia cinco números da chamada e escreve- os no quadro, estes alunos fazem o reconto "dizem se gostaram ou não do livro que leram", quando termina outra criança que já leu o mesmo livro, pode acrescentar informações que não foram comentadas. Caso a criança sorteada não tiver realizado a leitura não recebe carimbo, mas se a criança fez o reconto na semana anterior, tem o direito de escolher outro número para os cinco recontos acontecerem.

Bruna recolheu o balão da dobradura de um aluno, por ele estar atrapalhando e desatento às histórias. Em seguida, ele foi escolhido para fazer o reconto, mas como tinha esquecido o livro em caso não o fez e ficou sem carimbo. O aluno insistiu, queria muito contar a história, disse que leu o livro, mas sua insistência não teve sucesso. João também não pôde escolher outro número (aluno) para fazer o reconto.

A professora escolheu a próxima aluna, mas a menina não se lembrava da história que leu, então ficou sem carimbo.

Os cinco recontos aconteceram.

Por fim, Bruna falou para os alunos que a caixa de literatura estava com poucos livros e quem tivesse livros de literatura em casa e pudesse doar trouxesse para colocar na caixa.

**7º dia: 31/05/2013**

Feriado!

**8º dia: 07/06/2013**

Cheguei à escola e fui recebida pela Joana. Ela explicou que hoje o horário dos alunos seria compactado, as turmas do turno matutino sairiam às 10h e as do vespertino entrariam às 10h30min. Pedi para aguardar até às 10h para ajudar as professoras na ornamentação das barracas. Neste horário, Clara, Lúcia, Marlene e eu começamos a cortar notas de dinheiro e moedas impressas, bordas para o mural, tnt para fazermos as cortinas. A sala que confeccionamos seria o caixa da festa junina e decoramos como se fosse um banco do tempo dos faroestes.

**9º dia: 14/06/2013**

Faltei!

**10º dia: 21/06/2013**

Nas reuniões foi decidido que só iríamos trabalhar com as professoras que realmente queriam o projeto, para tornar-se mais efetivo. Então, mudei de sala e hoje foi o meu primeiro dia com os alunos do 3º B da professora Amanda.

Ela corrigiu um exercício sobre a separação silábica e passou algumas outras atividades relacionadas ao mesmo conteúdo. Muitas crianças participaram da correção, lendo suas respostas.

Em seguida, fizemos um bolão do jogo do Brasil porque muitas crianças estavam comentando que iam assistir. A professora distribuiu um papel para cada aluno, inclusive para mim e escrevemos o palpite do placar. Os papéis foram guardados em uma caixa, na qual foi fechada e assinada pelo representante. Esta caixa seria aberta na segunda-feira e o dono do palpite do placar vencedor ganharia um prêmio.

Por fim, a professora deixou o tempo que sobrava para as crianças brincarem, alguns pegaram os brinquedos que tinham trazido de casa e outros os brinquedos da própria sala. Brinquei de fazer bijuterias e depois ajudei na montagem de um quebra-cabeça

**11º dia: 28/06/2013**

Durante a aula, o aluno Jader colocou a perna debaixo da carteira e um chiclete grudou em sua calça. Ele ficou muito chateado com o ocorrido e começaram as reclamações sobre a venda de doces na escola.

No dia seguinte, outro aluno trouxe um cartaz fazendo uma reclamação e sugerindo outros objetos para serem vendidos dentro da escola. Assim, a professora viu a necessidade de mudar o planejamento da aula e a vontade por parte das crianças de expressarem o que estavam sentindo através de cartazes. Então, combinamos que o dia seria hoje.

A turma corrigiu o dever de casa e após o recreio iniciamos a oficina. Amanda pediu para as crianças se organizarem em cinco grupos, enquanto foi buscar os materiais, trouxe EVA, cartolina e papel pardo, deixou a escolha do grupo qual material deseja utilizar.

A professora fez uma explicação do que faríamos e os grupos começaram a realizar, um grupo escolheu a frase do cartaz através de votação, outros dividiram as tarefas entre eles, no quarto grupo nem todos os alunos participaram e no quinto houve desentendimento. Mas, todos os grupos realizaram a atividade proposta.

Quando já estávamos concluindo os cartazes, Amanda foi à direção avisar o ocorrido dentro da sala na semana anterior, o que provocou e o que os alunos fizeram para demonstrar a indignação. Avisou que os alunos levariam os cartazes na hora das apresentações da festa junina. Logo, foi interrompida, a direção disse que não podia fazer isso, não importava se era uma reivindicação que veio dos alunos e se explicou, “a escola vende doces para arrecadar verba e inclusive a sua sala é a que menos contribui.”

Amanda voltou para a sala inconformada, mas disse que não queria problemas porque já não é uma professora muito querida na escola.

Os alunos foram se arrumar para a dança e guardamos os cartazes no armário.

As crianças dançaram e tocou a música de encerramento da aula.

### **12º dia: 03/08/2013**

Chegamos na escola e a professora estava dando aula normalmente. Sentamos no final da sala ao lado de uma aluna, já que as carteiras estavam arrumadas em

duplas. A professora estava dando aula de matemática, corrigindo o dever de casa. Quando terminou, distribuiu algumas folhas de exercícios para as crianças e deu algumas cópias para nós acompanharmos. Primeiro foram atividades de resolver probleminhas envolvendo dinheiro. Ela deixava as crianças resolverem uma questão e depois corrigia, perguntando as respostas para a turma e como alguns tinham resolvido. Observamos como as alunas sentadas ao nosso lado estavam resolvendo as contas, depois resolvíamos. Elas pediam ajuda em algumas, diziam que não estavam entendendo e líamos com elas e tentávamos ajudar. Em um dado momento, a professora foi chamada para resolver um problema fora da sala e pediu que uma de nós corrigisse uma questão. Assim, fui resolver no quadro e perguntei para as crianças como elas estavam fazendo. Elas foram me dizendo como eu deveria escrever o que elas diziam e logo a professora voltou.

A segunda atividade foi uma folha cheia de continhas para fazer. Foi interessante que em uma conta a professora resolveu de uma maneira que a gente não sabia. Pedi que me explicassem e a aluna ao meu lado mostrou como fazer daquele jeito. Ficamos tentando resolver as contas com aquele método e as duas crianças observando a gente conversando sobre a conta. Depois teve o lanche e o recreio. Fomos para a quadra com as crianças, porque era o dia deles na quadra. Os meninos brincaram de futebol e a Marina jogou com eles. As meninas se espalharam, algumas brincando de casinha e outras olhando os meninos jogando junto com a Clara.

Voltando pra sala, a última atividade passada pela professora foi sobre português, envolvendo o plural das palavras e aquelas compostas por al/el/il/ol/ul. Interessante observar que em um exercício onde era preciso escrever uma frase, o comando da professora era que escrevessem “uma frase inteligente”. Por fim, quando a aula terminou, perguntamos o que a professora gostaria que desenvolvêssemos nesse semestre e ela nos disse que queria fazer um projeto de horta, falar sobre alimentação saudável, convidar uma nutricionista e uma dentista para dar palestras. Combinamos que nos juntaríamos com a turma do 5º ano e utilizaríamos 50 minutos no final da manhã para as atividades do projeto da horta.

**13º dia: 10/08/2013**

Chegamos na escola e estava tendo o reagrupamento. A professora nos explicou que o bloco inicial estava dividido pelas salas e as turmas mais avançadas estavam na

quadra fazendo atividades psicomotoras. A Janete não estava na escola e antes de entrarmos na sala tínhamos que fazer uns combinados sobre o plantio do feijão. Porém, observamos certo incomodo de uma professora da direção que ficava perguntando se já sabíamos pra onde ir e se podíamos entrar na sala logo. Como íamos trabalhar com duas turmas, o Pedro nos trouxe o que tinha conversado com a Joana, porque a Maria tinha faltado, e de acordo com os horários da escola, o reagrupamento aconteceria terça e quinta até o recreio (10h) e depois voltaria ao normal. Sendo que nos últimos 50 minutos cada turma teria a recreação na quadra. Logo, teríamos esse tempo para fazer a atividade com o feijão na quadra e, portanto, precisávamos repensar o planejamento que tínhamos feito. Pensamos em como dividir as crianças de forma que os grupos tivessem alunos das duas salas.

Enfim decididos, levamos as crianças para a quadra e elas já ficaram bastante agitadas. Fizemos uma roda com todas as crianças, o que demorou um tempo, e a Clara tentou falar com elas sobre o que gostaríamos de fazer e trocar um pouco do que elas queriam fazer. Entretanto, o barulho era grande, elas estavam bem agitadas e dispersas. A professora Amanda, única professora presente ali, pediu silencio e falou que se não colaborassem voltaríamos pra sala. A gente ficou tentando manter na mão levantada para nos ouvirmos e a Clara acabou tendo que entrar no meio do circulo para todos verem e escutarem. Fizemos alguns combinados de ouvir o outro, não jogar feijão pela quadra e não gritar porque estava tendo aula nas salas próximas. Depois pedimos que eles se juntassem em duplas e trios, mas quando fomos misturar um grupo de uma turma com o grupo da outra, logo começaram as reclamações. Alguns grupos até aceitaram e já se organizaram em algum canto da sala, deixamos livre o lugar onde queriam ficar, e outros disseram que de jeito nenhum se juntariam ou mesmo que preferiam fazer sozinho. Ou nem fazer. Com os grupos, duplas, trios e crianças sozinhas espalhadas pela quadra, começamos a distribuir os materiais. Primeiro os copinhos, depois os feijões, o algodão e por fim passamos com a garrafa d'água. Cada um de nós ia explicando no grupo que ia o que era pra fazer. Alguns não queriam fazer de jeito nenhum e depois de verem os outros fazendo foram plantar. Alguns alunos que não quiseram plantar distribuíram os materiais. Alguns pediram pra plantar mais de um tipo de feijão. Alguns grupos combinaram de todos plantarem o mesmo tipo, outros deixaram que cada um plantasse o que quisesse. Tudo isso foi bem conversado com as crianças em seus grupos e deixamos eles livres para fazer o que achavam melhor.

Voltamos para a sala, pedimos mais um tempo pra Amanda e ela nos deixou fazer o gostei/não gostei porque o tempo na quadra já tinha acabado. Os alunos não paravam de comentar sobre seu feijão, como foi e coisas relacionadas ao plantio. Distribuimos um pedaço de papel e pedimos que escrevessem o que tinham gostado e o que não tinham. Então fizemos uma atividade de desenho, em que eles tinham que desenhar o feijão como estava e como eles achavam que ficaria dali a uma semana. Por fim, a Amanda deixou eles conversando sobre a atividade e brincamos até o final da aula com alguns brinquedos que ficam na sala.

#### **14º dia: 17/08/2013**

Nesse dia a professora não estava na sala e ficamos sós com a turma. A Bianca foi nos ajudar, sentamo-nos em roda no chão da sala e ela tentou fazer uma atividade de cada um apresentar o amigo do lado. Infelizmente elas estavam bem agitadas e não foi possível fazer a atividade. Ela perguntou se eles preferiam escrever seus nomes em crachás e todos adoraram. Distribuimos folhas e canetinha. Cada um começou a escrever seu nome e decorar o crachá como queria. Foi um belo momento de oficina de crachás. Depois ajudamos a colar em suas blusas e voltamos a nos reunir para decidir que brincadeiras faríamos. Novamente tivemos dificuldade deles ouvirem, deixarem o outro falar e chegar a um acordo. Acabou que alguns grupos foram formados pelas brincadeiras que uns queriam e os outros não. Alguns brincaram de carrinho, outros de lutinha, outros não quiseram fazer nada e ficavam olhando. Começamos a propor algumas brincadeiras porque um grande grupo queria brincar mas não sabia dizer do que. No meio da sala brincamos de morto/vivo, de estátua e de andoleta. Nas brincadeiras de comandos, algumas crianças ficavam dando os comandos de ficar estátua em vez de sermos só nós. Eles adoraram isso. Na andoleta, quem estava brincando ficou até o final para ver quem venceria. E muitos que estavam brincando de outras coisas ou sem fazer nada, se aproximavam para observar. Alguns conflitos aconteceram porque um menino ofendeu o outro e eles acabaram se batendo. Cada uma de nós tentou conversar com eles, mas mesmo depois de tentarem conversar e um deles pedir desculpa, o outro não queria nem levantar a cabeça da mesa. Os amigos dele ficaram chamando-o para comer biscoito e brincar lá fora na hora do recreio e aos poucos ele foi levantando.

Na volta do recreio, organizamos a sala com as carteiras em roda e eles se surpreenderam com essa arrumação. Começamos a conversar sobre a atividade do plantio do feijão da semana passada, como tinha sido feita e das lembranças que cada um tinha. Depois de um por um, eles foram dizendo como seu feijão estava e o que tinha acontecido com ele durante essa semana. Três ou quatro crianças ainda estavam com o feijão vivo, mas apenas dois tinham lembrado de levar pra escola. Passamos um feijão que estava bem grande para todos verem e ficamos falando sobre o que poderia ter sido diferente no cuidado com o feijão para que todos pudessem estar com seus feijões vivos. Eles conversaram bastante e colocaram muitas ideias, mas sempre precisando de um “empurrãozinho” para participarem. Então escrevemos a palavra Horta no quadro e fomos anotando tudo que eles falavam sobre o que achavam que era e do que lembravam quando pensavam em horta. Depois montamos seis grupos reunindo as coisas que estavam no quadro. Perguntamos quem queria fazer parte de que grupo e pesquisar mais sobre aquele assunto. Os grupos foram sendo formados ora por afinidade e raramente por interesse apenas. Depois juntamos as carteiras nos grupos e em uma folha de papel para cada, eles escreveram o tema do seu grupo, alguns quiseram desenhar e sem saber o que fazer, tivemos que direcionar a atividade pedindo que escrevessem perguntas sobre aquele tema que queriam pesquisar para responder.

### **15º dia: 24/08/2013**

Como no dia seguinte aconteceria a 1ª Oficina com todas as crianças da escola, resolvemos organizar os materiais arrecadados pelas crianças durante a semana e também os materiais que a escola tinha comprado. Assim, separamos o que poderia ser utilizado e o que deveria ser descartado. Também separamos em cada caixa ou sacola os materiais específicos de cada oficina, colocando etiquetas. Quando conseguimos terminar, estava na hora da palestra da dentista. A Amanda não estava presente na escola e quem estava na sala com os alunos era a Joana, que escreveu no quadro as perguntas que eles tinham dúvida. A Maria levou os alunos dela para a nossa sala, entrando todos em fila e fazendo um caminho definido para poderem sentar-se no chão. A dentista apresentou sua palestra e depois foi respondendo algumas perguntas dos alunos que iam levantando a mão. A professora escolhia também quem poderia fazer a pergunta. No final da palestra, tiramos fotos e as crianças manusearam um cachorro de pelúcia que podiam escovar. Quando a dentista foi embora, as turmas se separaram e ficamos brincando de forca com eles até o final da aula. Participou da brincadeira quem

queria, alguns brincaram de fazer túneis por debaixo das carteiras que a Joana tinha arrumado para a palestra, e começamos escrevendo as palavras a serem adivinhadas. Mas depois deixamos quem quisesse escrever que fosse. Eles viram que ficou confuso e pediram para escrevermos os nomes de quem seria o próximo ao lado do quadro. Eles seguiram rigorosamente essa lista e quem estava participando da brincadeira foi ajudando a decifrar que palavras eram. Fizemos sobre o tema da palestra a escolha das palavras e depois quem ia escrever dizia o tema.

### **16º dia: 25/08/2013**

Neste dia foi realizado as oficinas. Clara e eu, havíamos planejando a oficina de confeccionar um carrinho foguete.

Ao chegarmos à escola vimos toda a movimentação, estavam organizando com placas onde aconteceria cada oficina. Enquanto, Janete chamava os alunos para o pátio ficamos arrumando os materiais que iríamos utilizar.

Com tudo pronto, Janete chamou os alunos que tinham escolhido participar desta oficina e fomos ao encontro dos mesmos.

O lugar destinado a nossa oficina foi o pátio, mostramos o carrinho que iríamos fazer e em seguida sentamos em uma roda, nos apresentamos e pedimos que eles se apresentassem, falamos sobre a oficina, perguntamos como eles achavam que fazia, se já tinham visto e fizemos alguns combinados.

Clara ajudou metade das crianças. Eu a outra metade e todos se ajudaram.

Prosseguimos da mesma maneira durante as quatro oficinas, explicamos, passávamos os materiais para que cada criança pudesse escolher e retirar a quantidade de material necessário para a confecção de carrinho.

A primeira oficina foi um pouco frustrante porque os carrinhos não andaram, devido a um problema no material. Contudo, eles deram nome aos carrinhos, enfeitaram e brincaram empurrando.

A segunda e a terceira aconteceram do mesmo modo, mas já tínhamos solucionado o problema, foi um sucesso. A quarta teve alguns problemas porque faltou

material e uma professora entreviu bastante com o intuito de ajudar uma única aluna e acabou atrapalhando.

Por fim, fizemos a corrida dos carrinhos e a avaliação por escrita se gostaram ou não das oficinas.

#### **17º dia: 08/09/2013**

Cheguei à escola e fui recebida pela Joana. Ela comunicou que hoje os alunos realizariam um passeio ao clube.

Fui para a sala, lá Amanda estava explicando como os alunos deveriam se comportar dentro das piscinas. Em seguida, foram feitas as filas para entrarem no ônibus.

Ao chegar no clube, um bombeiro fez algumas recomendações as crianças e em seguida se dispersaram. Foram jogar ping-pong, nadar, jogar futebol, brincar no parque entre outras diversões.

#### **18º dia: 23/09/2013**

Clara e eu havíamos planejado a oficina de confeccionar um bilboquê, pois a oficina realizada anteriormente cansou bastante.

Chegamos à escola no período da tarde e fomos organizando os materiais.

Janete chamou os alunos que tinham escolhido participar desta oficina e fomos para uma sala onde a oficina aconteceria. Mostramos os dois tipos de bilboquê que tínhamos como exemplo, perguntamos se as crianças preferiam sentar no chão ou nas carteiras, escolheram as carteiras. Então, ensinamos como fazia o bilboquê com tampinha de garrafas e o de bolinha utilizando folhas de revistas.

Cada criança escolheu o modelo que mais gostou, fez e foram brincar.

Vimos à autonomia presente nos momentos de interação entre alunos de diferentes idades e tudo ocorreu bem.

#### **19º dia: 29/09/2013**

Tentamos nos comunicar com a professora por e-mail para combinarmos como seria a atividade. Entretanto, no planejamento que tínhamos feito com a professora Maria enquanto a Amanda estava fora da escola, deveria acontecer uma pesquisa na sala de informática (inclusive a Joana já tinha autorizado). Infelizmente, chegamos na escola e a Maria já queria fazer outro projeto e parece que tinha combinado uma outra atividade com a Simone. Assim, o projeto da horta ficou perdido e ficamos sem saber o que fazer, um pouco decepcionados por não vermos a participação da professora em manter o projeto da horta e o nosso combinado para o planejamento.

Assim, voltamos a observar a aula que a Amanda estava dando, já que ela tinha voltado das férias. Ela estava dando aula de verbos e participamos de uma atividade realizada no final da aula que ela inventou. Enquanto os alunos terminavam alguns exercícios, a gente escrevia verbos em pedaços de papel. Depois cada um escolheu um papel e tinha que ir na frente da sala fazer a mímica daquele verbo. Então quem quisesse adivinhar levantava a mão e a pessoa que fez a mímica escolhia quem falaria. Depois se essa pessoa acertasse, era a vez dela fazer a mímica. As crianças gostaram bastante da atividade e participaram conforme o combinado. A professora e a gente também participou, o que eles acharam bem divertido.

#### **20º dia: 01/10/2013**

Atestado médico

#### **21º dia: 15/10/2013**

Feriado

#### **22º dia: 22/10/2013**

Organizamos os materiais arrecadados e comprados separando em caixas e sacolas etiquetadas. Percebemos que ter feito isso na 1ª Oficina otimizou o tempo de começarmos as oficinas e a realização delas.

#### **23º dia: 05/11/2013**

Não fomos para a escola por conta das atividades da Semana Universitária.

**24º dia: 12/11/2013**

Falta.

**25º dia: 19/11/2013**

Não fomos para a escola devido à realização da CONANE - Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação, que reuniu diversos grupos que sonham com uma educação inovadora e grupos já atuantes em escolas com práticas pedagógicas alternativas. Um espaço para debater a construção de uma nova educação e conhecer exemplos e práticas já consolidadas no Brasil.

**26º dia: 26/11/2013**

Não fomos para a escola por causa da Greve dos Ônibus e por Atestado Médico

**27º dia: 04/12/2013**

A 3ª Oficina foi cancelada pela escola pela grande demanda de atividades do final do ano.